

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS  
SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO**

**“NO ACONCHEGO DA VILA”: RELIGIOSIDADE, SIMBOLISMO E  
DEVOÇÃO NA VILA MIMOSA**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DA CONCEIÇÃO ACOSTA**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“NO ACONCHEGO DA VILA”: RELIGIOSIDADE, SIMBOLISMO E  
DEVOÇÃO NA VILA MIMOSA**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DA CONCEIÇÃO ACOSTA**

*Sob a Orientação do Prof. Dra.*  
**Carly Barboza Machado**

Dissertação apresentada ao Curso do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Seropédica,  
Agosto de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A185" Acosta, Pedro Henrique Alves da Conceição, 1991-  
"No Aconchego da Vila": Religiosidade, Simbolismo  
e Devoção na Vila Mimosa / Pedro Henrique Alves da  
Conceição Acosta. - Nova Iguaçu, 2018.  
104 f.

Orientadora: Carly Barboza Machado.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, PPGCS, 2018.

1. Religião. 2. Símbolo. 3. Devoção. 4. Vila Mimosa.  
5. Cidade. I. Machado, Carly Barboza, 1975-, orient.  
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
PPGCS III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DA CONCEIÇÃO ACOSTA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/08/2018

Carly Barboza Machado. Dra. UFRRJ (orientador)

Paola Lins de Oliveira. Dr. UERJ

Patrícia Reinheimer. Dr. UFRRJ



Emitido em 2023

**TERMO N° 547/2023 - PPGCS (12.28.01.00.00.91)**

**(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 17/05/2023 09:12 )*

CARLY BARBOZA MACHADO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptCS (12.28.01.00.00.83)  
Matrícula: ###940#0

*(Assinado digitalmente em 17/05/2023 09:47 )*

PATRICIA REINHEIMER  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptCS (12.28.01.00.00.83)  
Matrícula: ###434#1

*(Assinado digitalmente em 18/05/2023 14:24 )*

PAOLA LINS DE OLIVEIRA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: ###.###.097-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **547**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **17/05/2023** e o código de verificação: **f78f1ad7df**

## EPÍGRAFE

“A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”  
(Guimarães Rosa)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha avó Palmira, que mesmo não estando presente em forma física permanecerá em meu coração eternamente, uma fonte de inspiração a todos os meus projetos de vida.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra certa para agradecer a todos que fizeram parte de maneira direta ou indireta desta pesquisa. Faltariam folhas para agradecer a todas as pessoas que de maneira incrível estiveram ao meu lado nesses dois anos, um tempo de muitos sorrisos, choros, felicidades, tristezas, angústias e aflições, mas tudo isso somado a um período de aprendizagem única. Entrar no mestrado foi uma das melhores decisões da minha vida e conhecer todas as pessoas da turma de 2016 foi um imenso privilégio.

O presente trabalho foi realizado através da contribuição de inúmeras pessoas e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Quero agradecer a minha orientadora professora Carly Machado, uma das melhores pessoas que eu pude conhecer na minha vida, obrigado por ser luz durante todo esse caminho, sem sua paciência, inspiração e mergulho nessa ideia dificilmente essa pesquisa teria saído, que orgulho e privilégio tive sendo seu orientando. Obrigado pela leitura cuidadosa e sempre motivadora para a continuação deste texto, saiba que em todas as orientações sempre saía com novas ideias e ficava encantado com a facilidade de ideias e reflexões que saíam para a pesquisa, ali tudo parecia fácil a partir daqueles diálogos, desde o caminho etnográfico até a escrita. Admiro muito seu trabalho e agradeço por todo o carinho, cuidado e incentivo que sempre teve comigo.

Agradeço também aos meus amigos de profissão e ao Colégio Curso PeC pelo apoio e incentivo necessário para a realização deste trabalho, aos meus amigos Livia Salgado, Pablo Mendes, Antonio Salles e Renan Siqueira, por todas as conversas, sorrisos e atenção que tiveram comigo durante esse tempo, vocês foram essenciais para a conclusão desta dissertação.

Obrigado a minha família, a base para tudo isso, sem o apoio deles não seria ninguém. Agradeço a minha mãe pela compreensão nos momentos necessários e difíceis, conversas de sabedoria e paciência, meu pai, meus tios e primos. A minha namorada e companheira de todas as horas Lilian, por ser essa mulher incrível e está ao meu lado para tudo o que acontecer, sei da dificuldade que ela teve em compreender o que eu estava fazendo e por todo o seu esforço de me ajudar com uma palavra ou um olhar de carinho e conforto, admiro você a cada dia que passa. Essa pesquisa não poderia acontecer sem a compreensão de vocês, muito obrigado por tudo.



Meu muito obrigado a Sílvia, Abdol, os funcionários dos seus estabelecimentos, respectivamente e as mulheres que trabalham na Vila Mimosa, minhas observações não seriam as mesmas caso não encontrasse essas pessoas. Agradeço profundamente a disponibilidade, as conversas, histórias e receptividade de todos na região, fiquei encantado pelas experiências e valeu cada segundo de tempo doado a essa pesquisa, hoje a antropologia proporcionou-me um novo mundo epistemológico de fazer ciência, minha total gratidão a esse universo do qual não pretendo sair mais.

Agradeço a banca, professora Patrícia Reinheimer e a professora Paola Lins por aceitarem o convite e lerem meu trabalho, pelas críticas valiosas e participação deste processo de trocas de conhecimento, fundamental em todos os momentos da nossa jornada.

Agradeço a Deus por ter me ajudado chegar até aqui e a todas essas pessoas que contribuíram significativamente para o texto que se segue. Obrigado a todos.

## RESUMO

A presente pesquisa busca como objetivo compreender o fenômeno da proteção e devoção na Vila Mimosa, uma das maiores zonas de prostituição da cidade do Rio de Janeiro. Essa região tem como uma de suas marcas registradas as noites agitadas e a ampla movimentação de pessoas em busca de prazer, bebida e música. Todavia, chama atenção a quantidade de símbolos religiosos nos bares da Vila Mimosa e as suas organizações e disposições nas casas, desde pinturas de quadros ou paredes de santos até carrancas e sementes de Mucunã, mais conhecida como olho de boi. Este trabalho tem o intuito de apreender o sentido da proteção através dos símbolos religiosos, assim como a devoção através dos santos e tatuagens de santos, nos corpos das pessoas. Foi realizado ao longo deste trabalho uma pesquisa etnográfica na Vila Mimosa, com o intuito de buscar compreender como se relaciona as diferentes dinâmicas do religioso no espaço da Vila Mimosa, quais agentes e atores são acionados para garantir a ordem e proteção do local. Diante de aspectos que misturam proteção e religiosidade, a presença de sinais devocionais na região abrem a possibilidade de pensarmos na ação do religioso em um espaço onde a religião não está institucionalizada, como é o caso dos bares na Vila Mimosa.

**Palavras chave:** Vila Mimosa, bares, religião, devoção, símbolos

## ABSTRACT

The present research aims to understand the phenomenon of protection and devotion in Vila Mimosa, one of the largest prostitution zones in the city of Rio de Janeiro. This region has as one of its trademarks the busy nights and the wide movement of people in search of pleasure, drink and music. However, attention is drawn to the number of religious symbols in the pubs of Vila Mimosa and their organizations and arrangements in the houses, from paintings of paintings or walls of saints to carrancas and seeds of Mucunã, better known as bull's eye. This work is intended to grasp the sense of protection through religious symbols, as well as devotion through the saints and tattoos of saints. Throughout this work an ethnographic research was carried out in Vila Mimosa, with the purpose of trying to understand how the different dynamics of the religious in Vila Mimosa space are related, what agents and actors are activated to guarantee the order and protection of the place. Faced with aspects that blend protection and religiosity, the presence of devotional signs in the region open the possibility of thinking about the action of the religious in a non-institutionalized space, as is the case of pubs in Vila Mimosa.

**Keyword:** Vila Mimosa, pubs, religion, devotion, symbols

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS E IMAGENS</b>	12
<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1 – A Vila Mimosa na história</b>	18
1.1 – A “Zona do Mangue”	19
1.2 – Da “Zona do Mangue” à “República do Mangue”	21
1.3 – O Mangue, a Vila Mimosa e o “Piranhão”	23
1.4 – A Vila Mimosa na Praça da Bandeira	27
1.5 – A Vila Mimosa e os Grandes Eventos no Rio de Janeiro	29
1.6 – A vida cultural da Vila Mimosa	33
1.6.1 – “O pecado mora ao lado”: os bares da Vila Mimosa e a vida econômica da Vila	36
1.6.2 – A vida cultural na Vila Mimosa: Carnaval, música e religião	42
<b>2 – “Foi nos bares da Vila...”: Símbolos religiosos e proteção na Vila Mimosa</b>	48
2.1 – O caminho até o Aconchego Bar: uma etnografia a partir dos bares	49
2.2 – Da Camisinha a Carranca – os modelos de proteção na Vila Mimosa	57
2.3 – A coruja como um modelo de proteção no Aconchego Bar	64
<b>3 – “Território dos Santos”: imagens e devoção na Vila Mimosa</b>	74
3.1 – O território dos santos na Vila Mimosa: Sobre bares e altares	75
3.2 – As tatuagens e a relação da devoção na Vila Mimosa: o caso de Sílvia	84
3.3 – Considerações finais	95
<b>CONCLUSÃO</b>	98
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	100

## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

<b>FIGURA 1: GALPÃO DA VILA MIMOSA.....</b>	<b>18</b>
<b>FIGURA 2: BOTA-ABAIXO, NO RIO DE JANEIRO .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 3: Vila Mimosa na região do bairro do Estácio.....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 4: Construção da estação de metrô Estácio, zona norte, Rio de Janeiro.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 5: A vila na Vila: Conjunto de casas no final da rua Sotero dos Reis, Praça da Bandeira....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 6: Por dentro da Vila Mimosa.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 7: Cruz Peregrina em frente a capela de São José, na JMJ, 2013 .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 8: Procissão liderada pelo arcebispo Dom Orani Tempeste, em 2013 .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 9: Entrada a saída da Vila Mimosa .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 10: Rua Sotero dos Reis (Vila Mimosa).....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 11: Vila Mimosa na década de 1980 .....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 12: Bloco em homenagem na Vila Mimosa .....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 13: Vídeo clip “desce o gym” – Valeska Popozuda .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 14: O pecado mora ao lado .....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 15: Porta do Aconchego Bar .....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 16: Camisinha e Carranca com olho grego .....</b>	<b>56</b>
<b>Figura 17: Competição de Carrancas-boat .....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 18: A Carranca – Aconchego Bar .....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 19: Carranca na casa 63 .....</b>	<b>62</b>
<b>Figura 20: Carranca na porta da casa 63 .....</b>	<b>64</b>
<b>Figura 21: A deusa da fortuna – Aconchego Bar .....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 22: Aconchego Bar – Coruja .....</b>	<b>69</b>
<b>Figura 23: Aconchego Bar .....</b>	<b>76</b>
<b>Figura 24: Imagem de Nossa Senhora das Cabeças.....</b>	<b>79</b>
<b>Figura 25: Imagem Nossa Senhora Desatadora de Nós.....</b>	<b>80</b>
<b>Figura 26: Tatuagem de São Judas Tadeu.....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 27: Imagem de La Catrina.....</b>	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

Vila Mimosa, ou para os mais íntimos, Mimosa! Esse é o nome mais conhecido da rua Sotero dos Reis, Praça da Bandeira, Rio de Janeiro. Tradicional zona de prostituição carioca, a Vila Mimosa está presente no imaginário boêmio da cidade desde o século XIX, quando remontam as primeiras anotações sobre o local. Tal espaço durante muito tempo teve análises e reflexões importantes sobre segregação espacial, políticas públicas, o ofício prostitucional, questões de gênero, exploração sexual entre outras questões<sup>1</sup>, o que trouxe novas questões para o debate e a busca para uma compreensão sobre as relações tecidas nesse território. Presente na Praça da Bandeira desde 1996, quando a prefeitura da cidade do Rio decidiu reaver a posse do imóvel no bairro do Estácio, a Vila Mimosa possui várias histórias e uma vida noturna agitada o que gerou muitos estereótipos sobre o local. Uma das primeiras observações que podemos ter sobre a Vila Mimosa é sobre o seu espaço geográfico. A geografia da região é complexa e os primeiros passos da Vila Mimosa na Praça da Bandeira mostra o espaço organizado em um grande galpão, com cerca de 2500 metros quadrados, um prédio construído em forma de um quadrado, onde a parte frontal é aberta e de frente para a rua principal, dando o formato geográfico de um U ao contrário, onde as extremidades eram os locais de entrada e saída do lugar. Dentro das outras três linhas do quadrado, incluindo a parte central, há estabelecimentos de prostituição, que giram a economia da região. Atualmente, uma curiosidade sobre a região da Vila Mimosa é que essa estrutura geográfica permanece a mesma nos dias de hoje passados vinte anos da chegada das prostitutas na Praça da Bandeira. As passagens entre os dois lados desse quadrado é calçada, estreita e coberta. Os bares localizam-se na parte de baixo e os quartos, para a realização dos programas, no andar de cima, de certo é que suas atividades são realizadas vinte e quatro horas por dia, com intervalos de grande e pouco movimento.

Algumas características físicas da região chamam atenção, como a comprimida rua Sotero dos Reis, a ausência de asfalto na mesma (esta rua é pavimentada com paralelepípedos), a presença de pontos de táxis, de um frigorífico e lixo nas ruas. No entanto, o contexto que chamou minha atenção nesse espaço não foi os ofícios

---

<sup>1</sup> Ver exemplarmente: SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010; MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995; LEITE, Juçara Luzia. *República do Mangue Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul: Ed. Yendis, 2005.

prostitucionais e os debates que giram em torno dessa questão, e sim a presença de símbolos com alguma conotação religiosa e outros devocionais, como São Jorge, figa, carranca e entidades do candomblé no local. Esse ponto é interessante, pois nos convida a pensar qual a relação entre essas pessoas e os símbolos no cotidiano da Vila Mimosa, e suas significações que são representadas por tais elementos, além disso demarca como os símbolos agem no mundo da Vila Mimosa.

Nesse aspecto, acho relevante ressaltar como cheguei até a Vila Mimosa como um objeto de pesquisa. Nada na minha pesquisa atual foi muito convencional, pois antes de iniciar o trabalho com o tema, enfrentei algumas questões pessoais como na minha relação afetiva, pois minha namorada não foi muito adepta e incentivadora da ideia de um estudo sobre a Vila Mimosa, busquei explicar o que iria estudar na região, mas mesmo assim tivemos alguns conflitos, que perduraram durante a pesquisa. Percebi que a vida de antropólogo era muito mais difícil que eu imaginava e convencer o outro, ou seja, minha namorada, foi a primeira grande experiência antropológica que tive.

Essa pesquisa se relaciona com a minha proposta anterior de trabalho, quando, durante minha graduação, me dediquei a trabalhar sobre o tema da “superstição”. Iniciei minhas pesquisas no mestrado buscando com esse tema estudar a categoria (*superstição*) através de uma perspectiva antropológica e entendendo a inserção desta noção em um contexto acusatório, como uma arma cultural, dentro de uma ordem hierárquica, contra opiniões ditas vulgares, com o intuito de garantir a ordem social. Comecei a desenvolvê-lo na graduação, quando este tema esteve atrelado à pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPERJ, com o título “*Tópicos de Idolatria, Superstição, Liberdade, Eleição e Desordem Pública na Literatura Reformada dos séculos XVI e XVII*”. Utilizei como fontes e os objetos de investigação discursos teológicos dos principais reformadores e doutos em teologia e política da Europa, entre eles Martinho Lutero, João Calvino, James I (rei da Inglaterra) e Thomas Hobbes. Persegui com esse tema na minha monografia, com enfoque em Thomas Hobbes onde o tema da superstição também aparecera, nos livros III e IV, do *Leviatã*, uma das obras mais famosas do autor.<sup>2</sup>

A superstição caminhou junto até a construção do projeto de mestrado, no entanto após uma aula, em um curso pré-vestibular que trabalhei na região da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, sobre as reformas urbanas na cidade do Rio Janeiro e uma discussão sobre o “Bota-Abaixo” fui indagado por um aluno sobre as mudanças espaciais que levaram ao fechamento e deslocamento das pessoas, cortiços e zonas de prostituição do centro da

---

<sup>2</sup> ACOSTA, Pedro Henrique Alves da Conceição. *Leviathan: Soberania, Religião e Guerras Civis*. 2014. 45 f. Monografia – Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

antiga capital. Conversei com meu aluno durante algum tempo após a aula e algumas questões começaram a aparecer na minha cabeça. Foi quando após um encontro no grupo de pesquisa que fiz parte com a minha orientadora, professora Carly Machado, na UERJ, chamado Distúrbio, perguntei a ela se tal ideia de trabalho e pesquisa poderia ser feita, após o seu aceno positivo comecei a trabalhar com materialidades religiosas na Vila Mimosa e descobri uma rede de interações entre o religioso e o secular. A entrada no campo não foi fácil, misturava medo pelo desconhecido e ao mesmo tempo curiosidade, por nunca ter ido a região, o caminhar revelava novas descobertas, comparadas ao início de um ano letivo, quando passamos por aquele “friozinho” na barriga, para conhecer os novos alunos, assim foi minha chegada na Vila Mimosa. Cheguei na rua Sotero dos Reis, mas ao invés de continuar na rua, entrei na viela ao lado (Hilário Ribeiro), muito por conta da presença da capela de São José, conheci em frente a essa capela o dono de um restaurante com um nome muito peculiar, o pecado mora ao lado, seu nome Abdol. Procurei explicar meu interesse na região e Abdol me levou onde era o fervo da região, foi assim que comecei a conhecer a Vila Mimosa.

O Rio de Janeiro é uma cidade repleta de efervescência cultural, social e política, uma cidade de movimentos e trânsitos que interagem com o que existe ao nosso redor. De certo o cotidiano e a rotina do nosso dia a dia não permite observações e reflexões sobre agências sociais que estão no nosso lado, uma estátua, um monumento, uma praça, uma biblioteca ou construção, a menos que estejamos inclinados a essa observação. A religião e tudo o que rodeia a esfera do religioso nos cerca em vários espaços, nesse sentido busco compreender as relações devocionais nos bares da Vila Mimosa, entendendo tais elementos como agregadores das práticas sexuais, já que os acordos para os serviços prostitucionais são realizados nos bares da região, mas quero mostrar que os bares da área são elementos constituidores de uma crença e devoção a partir dos símbolos religiosos que se encontram na região. Assim, meu trabalho não tem como interesse o estudo sobre a prostituição em si, estudo dentro de um espaço prostitucional, mas percebo em tal território um espaço onde agem santos e símbolos como carrancas, figas, corujas e caveiras denotando uma forma religiosa não institucionalizada em igrejas e templos.

Este trabalho está estruturado em três capítulos que possui uma ordem orgânica entre eles, assim no primeiro capítulo procuro fazer uma análise da Vila Mimosa na história, desde as primeiras anotações no século XIX, os processos de deslocamento do início do século XX, a construção da antiga Zona do Mangue, desde a época de Getúlio



Vargas até o período do governo militar, para chegarmos ao ano de 1995/96 quando ocorreu a saída da Vila Mimosa do antigo CASS (Centro Administrativo São Sebastião), onde hoje está situada a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para a região da Praça da Bandeira, zona norte da cidade. Procuo mostrar também que tal área não está somente centrada em serviços prostitucionais, há uma vida cultural na Vila Mimosa estabelecida com a presença de casas noturnas sem prostituição, blocos de carnaval e comércios ao estilo de “pubs” como é um dos bares que analiso chamado “o pecado mora ao lado”. Ao longo da história a Vila Mimosa foi noticiada de várias maneiras, violência, deslocamentos, economia, cultura e religião com a presença da cruz peregrina, na época da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em 2013. Esse fato marcou a história da Vila, pois era a primeira vez que uma ação direcionada do vaticano passava por essa região. A chegada da cruz peregrina é o ponto de caminho que me leva ao segundo capítulo deste trabalho.

No segundo capítulo busco fazer uma reflexão sobre os símbolos religiosos e a ideia de proteção na Vila Mimosa. A presença de símbolos religiosos na Vila Mimosa é muito intensa, circulando por vários bares/casas noturnas da região, ao ponto que a passagem da cruz peregrina torna-se, de fato, um elemento constituidor da crença das pessoas em forças divinas. Quando cheguei a Vila Mimosa, as questões foram se constituindo na minha cabeça, ao ponto que procurava trabalhar com *superstição e religião* e mudei minha ótica de investigação para pesquisar sobre proteção e devoção na Vila Mimosa. Perambulava pelos bares da rua Sotero dos Reis e via de tudo um pouco, mulheres nuas, música alta, bares colados um ao lado do outro, pessoas sorrindo, gastando seu dinheiro em jukebox, cervejas e programas, conversas ao pé do ouvido entre cliente e prostituta e, mediante a tudo isso, passava despercebido a figura do religioso no espaço. Os bares que entrei na Vila Mimosa apresentavam algum ponto central com o religioso, uma imagem de santo, uma figa, carranca, até salmos na parede era preciso compreender qual a relação desses elementos naquele espaço. Quero mostrar que tal espaço buscava garantir uma noção de ordem para seu funcionamento e essa busca gira em torno de aspectos visíveis e invisíveis como os pontos religiosos acima, procuro mostrar o leitor e defendo a ideia de que a presença de símbolos religiosos está centrada numa lógica de proteção que seria dada pelo divino na busca da ordem das coisas.

Em uma das casas que acompanhei durante esse tempo de pesquisa, conheci a dona do estabelecimento e fiquei encantado com o repertório cultural imagético que se

pode ver em seu bar, de nome bem característico, conhecido por Aconchego bar. Sílvia (proprietária do estabelecimento) era uma pessoa interessante de conhecer, no entanto conversar com ela foi algo muito difícil pois, suas demandas de trabalho, somadas as minhas deixava o nosso tempo limitado. No entanto, analisando o seu bar na Vila Mimosa ficava uma questão sobre a presença dos santos e outras imagens, e assim cheguei a construção do terceiro capítulo desta dissertação, onde trabalho a ideia de devoção aos santos na Vila Mimosa através das imagens e de tatuagens nos corpos dos indivíduos da região. Entendo a devoção na Vila Mimosa como um elemento agregador do espaço com a religião não institucionalizada e que age na área do Aconchego Bar com o intuito de garantir a proteção do lugar de ações maléficas, como violência física, desordem do espaço e doenças.

Convido o leitor a conhecer um pouco mais sobre a Vila Mimosa e que essa leitura seja tão agradável quanto foi realizar esta pesquisa, espero também que tal trabalho abra caminhos para outras leituras que possam enriquecer os novos debates produzidos através desse campo e que essas novas reflexões possam trazer questões que movam o tema e o contexto da região.

## Capítulo 1 - A VILA MIMOSA NA HISTÓRIA

Há muitas informações sobre a Vila Mimosa e escrever sobre ela não é uma tarefa das mais simples. As produções de trabalhos sobre o tema ganham formas diversificadas e diálogos heterogêneos segundo o objetivo de cada pesquisador, que de acordo com as suas necessidades, buscam entender a Vila Mimosa e explicá-la a partir de uma produção acadêmica cada vez mais dinâmica. Ao iniciar um balanço bibliográfico sobre o que se produziu sobre a Vila Mimosa, chama a atenção que os debates em sua grande maioria giram em torno do tema da prostituição, e um conjunto de controvérsias em torno desse fenômeno social. O foco deste capítulo, no entanto, é a dimensão histórica da relação entre a Vila Mimosa e a cidade do Rio de Janeiro. Nesta reflexão serão abordados estudos sobre os aspectos processuais que participam da construção do espaço da Vila Mimosa como ele é hoje. O foco aqui, portanto, não é na história da prostituição, mas na história da Vila Mimosa e sua relação íntima com a cidade, localizadas através de redes como risco, violência, aproximação e distanciamento dos múltiplos espaços que compõem o espaço, que neste capítulo é a personagem principal do relato.

Na conjuntura da pesquisa que me proponho sobre a região da Vila Mimosa, considero relevante entender os espaços, as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, os processos de deslocamentos, as resistências e como ocorreu a formação do complexo prostitucional da Vila Mimosa no local em que é compreendido atualmente, ou seja, na região da Praça da Bandeira. Creio que, com isso, consiga compreender o conjunto que rodeia o ambiente da “Mimosa”, as conexões e significações culturais das diversas manifestações que ocorrem na região, e poder destacar as causas pelas quais se desenvolveram os elementos religiosos no local.

Em vista disso, apresentar a história da Vila Mimosa, desde sua gênese até hoje, permite refletir sobre um espaço dotado de legitimidade para os objetivos da pesquisa que proporciona um entendimento maior sobre tais espaços e as imbricações com a política do século passado, além de seus propósitos com a remoção dos bordéis no centro da cidade. As tensões estruturais entre territorialidade e as políticas públicas que levam a Vila Mimosa até o momento atual podem ser reveladas a partir de um denso

trabalho bibliográfico, onde o objetivo é apresentar os espaços e suas demandas, seu repertório político e cultural, incluindo as práticas religiosas que estão em toda parte da Vila Mimosa, e que serão o cerne desta pesquisa.



Figura 1: Galpão da Vila Mimosa. Fonte: Jornal O Globo. Acessado em 16 de nov. 2017

### 1.1 – A “Zona do Mangue”

Historicamente a Vila Mimosa é uma das áreas de prostituição mais famosas da cidade do Rio de Janeiro. Durante a sua existência em várias localidades da cidade, os estabelecimentos criaram uma relação íntima com a cidade e passaram por diversas intervenções como deslocamentos, fechamentos e preconceitos, muito por conta dos discursos relativos ao “progresso” da cidade, etapas de mudança, aprendizado e conscientização<sup>3</sup>. Os primeiros escritos sobre a área de prostituição chamada Zona do Mangue remontam ao período imperial, para ser mais exato segundo reinado, governo de D. Pedro II, por volta de 1860, quando a prostituição tornava-se um assunto frequente nos debates entre autoridades públicas e profissionais liberais da capital do

---

<sup>3</sup> Conferir o capítulo 4 da dissertação de Renata Cavour. CAVOUR, Renata Casemiro. *Mulheres de família: papéis e identidades da prostituta no contexto familiar*. 2011, 148 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC, Rio de Janeiro, 2011.

Brasil<sup>4</sup>. Naquela época o “ofício prostitucional” estava resumido a mulheres escravas, mestiças e cafetinizadas pelos senhores para complementação de renda, em locais compostos por pequenos hotéis, hospedarias, casas de cômodo e bailes públicos. Em fins do século XIX, após o processo abolicionista, alguns problemas sociais começaram a surgir na antiga capital como o medo do aumento da criminalidade, epidemias sanitárias e a desordem social, nesse sentido iniciou-se uma maior fiscalização relacionada a campanhas de controle sobre a prostituição com o intuito de organizar e confinar tais serviços em áreas de classe baixa, consideradas ideais para a sua prática. Como ressaltou Suean Caufield, um dos resultados dessa ação foi a consolidação do Mangue como um lugar para as práticas ligadas ao “baixo meretrício”.

Esta região localizava-se nas proximidades do centro da cidade do Rio de Janeiro, e era habitado por prostitutas pobres, muitas identificadas pela polícia como “judias europeias” ou “brasileiras de cor”. As fiscalizações sobre as atividades prostitucionais passaram a se tornar mais frequentes e visavam distanciar as prostitutas das linhas dos bondes e de pontos comerciais, fora do alcance dos “cidadãos respeitáveis”<sup>5</sup>. Segundo Renata Cavour (2011), por volta de 1896, ocorreu uma repressão policial tão severa que inúmeros bordéis foram fechados, cafetões foram presos, assim como as prostitutas e homossexuais com o intuito de colocar um fim na prostituição. No entanto o fim de tal atividade não ocorrera e já em 1904 a autora nos mostra que com a Reforma Pereira Passos ocorrida na capital federal, Rio de Janeiro, mais casas de prostituição relacionadas ao baixo meretrício foram demolidas, em nome de um projeto de modernização e progresso para a cidade do Rio, conhecido como o “Bota-abaixo”. Como consequência de tal medida parte dos expulsos da região central se encaminhou para o Largo do Estácio, assim como as prostitutas, cafetões, malandros e gigolôs.

---

<sup>4</sup> CAULFIELD, Sueann. O Nascimento do Mangue: raça, nação e o controle da prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942. *Tempo*, Rio de Janeiro, n° 9, p. 43-63, 2000.

<sup>5</sup> *Ibidem*. p. 44-45.



Figura 2: Fonte: AGCRJ Bota-abaiixo (foto Malta)

De fato, o Mangue era o local ideal para o baixo meretrício naquele momento, pois atraía uma heterogeneidade de pessoas, desde mulheres estrangeiras recém chegadas a um grande número de “prostitutas brasileiras de cor” para o ofício prostitucional, assim como uma clientela naquele momento jovem e pobre. As mulheres que trabalhavam na região compensavam os baixos preços estabelecidos por elas com o atendimento a um maior número de clientes. Porém, a partir da década de 1930, a zona começou a entrar em decadência, devido a uma série de fatores, entre eles pode-se destacar a crise econômica de 1929 que afetou a economia brasileira de maneira significativa, com a decadência nas exportações de café e a presença da polícia cada vez maior nas áreas de prostituição. No ano de 1933, já no governo de Getúlio Vargas as prostitutas e a boemia noturna passaram a ser as vítimas da pesada repressão policial implementada com a chefia do chefe militar Filinto Müller, no mesmo ano passou a funcionar a Seção de Fiscalização e Repressão ao Meretrício na 1ª Delegacia Auxiliar<sup>6</sup>. Como consequência de tal implementação, muitas residências e áreas de lazer foram transferidas do centro para a zona sul ou subúrbios da zona norte.

## 1.2 - Da “Zona do Mangue” à “República do Mangue”

---

<sup>6</sup> CAULFIELD, Sueann. O Nascimento do Mangue: raça, nação e o controle da prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942. *Tempo*, Rio de Janeiro, n° 9, p. 43-63, 2000.

O centro da cidade, constituído por Lapa e a própria região do Mangue que até aquele momento era caracterizado como um lugar quase que cosmopolita para variadas atividades, perdeu força na questão da formação e organização dos bordéis. Foi então que a década de 1940 apresentou a saída de moda desses locais, já que no mesmo momento havia uma expansão dos espaços de lazer noturno destinado a clientes de ambos os sexos, localizados à beira-mar de Copacabana e outras áreas da zona sul carioca, sendo um importante centro de turismo e lazer da classe média. Todavia, foi nessa mesma época que era restabelecido o sistema de tolerância, que primava pela disseminação da violência e opressão. Assim, a polícia passou a disfarçar as casas de prostituição, obrigando-as a manter as janelas e portas fechadas, delimitando uma área de atuação para a zona. Tal atitude é explicada devido à invasão das prostitutas nos bairros residenciais, enfrentando naquele momento as famílias, além do número de estupros e atentado ao pudor que aumentaram significativamente na época. O Mangue passou a se chamar “Coréia”, muito por conta do conflito na Ásia, no contexto de bipolaridade internacional (Guerra Fria), e nesse sentido não tinha mais o encanto de sua época anterior: estava transformado em uma aldeia pobre com algumas casas de aspectos sujo na época.

Com a construção da avenida Presidente Vargas, em 1945, o Mangue sofreu uma nova intervenção, com a desapropriação de imóveis pelo governo, sendo muitos deles bordéis da região. Na década de 1950, a zona do Mangue passou a ser chamada “República do Mangue”, onde um novo sistema passou a vigorar com o objetivo de fichar as prostitutas daquela área para que fossem exercidos os controles médicos e policiais. Como assinalou Juçara Luzia Leite (2005), tratou-se de uma tentativa mais concreta de efetivar a criação de uma área destinada exclusivamente à prática da prostituição na região central da cidade<sup>7</sup>.

A partir desse novo sistema, as prostitutas passaram a não ter mais horário para entrar e sair do local de trabalho, no entanto passaram a pagar uma diária. Sendo assim as mulheres tinham a liberdade para escolher seus clientes, ficando a critério de cada uma o número de parceiros por dia. Outro ponto importante foi o fato de que o número de prostitutas registradas nos bordéis não poderia exceder ao número de quartos da casa, com o intuito de manter o controle e a higiene do lugar. Como ressaltou a pesquisadora Soraya Simões (2010), a cidade moderna não poderia ser composta por elementos como

---

<sup>7</sup> LEITE, Juçara Luzia. *República do Mangue Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul: Ed. Yendis, 2005.

a prostituição que era exercida na cidade de maneira disseminada e até aquele momento sem controle. A criação do bordel higienizado era uma medida que atendia aos interesses públicos da época<sup>8</sup>, como evitar o alastramento de doenças e epidemias. Pode-se notar que entre a primeira e a segunda metade do século XX havia uma grande mobilidade da população de imigrantes, prostitutas, caixeiros viajantes, operários e marinheiros para a região da Cidade Nova, que acabava sendo estereotipada como área natural do baixo meretrício no Rio de Janeiro<sup>9</sup>.

### 1.3 - O Mangue, a Vila Mimosa e o “Piranhão”

Foi na década de 1970 que a região do Mangue passou por algumas transformações decisivas na história da Vila Mimosa. Mais de 30 casas foram desapropriadas, como chegou a anunciar o *Jornal do Brasil* em 11 de dezembro de 1970, e outras mais deveriam passar pelo mesmo processo de expropriação até o final de março de 1971 por conta das obras de construção do metrô e do Centro Administrativo São Sebastião (CASS), prédio que abrigaria este setor da prefeitura do Rio de Janeiro.<sup>10</sup> O CASS foi construído na região da Cidade Nova, a população carioca passou a denominar o prédio como “Piranhão”, em uma “homenagem” à construção que definitivamente terminou com a zona do Mangue.

A partir daquele momento a Vila Mimosa, estava residida no número 41 em frente à rua Miguel de Frias, e passou a ser moradia definitiva das prostitutas e donas de casa. A organização do espaço estava marcada pelas intervenções que procuraram adequar os locais comuns da Vila, como casas e decoração, às atividades exercidas no espaço. As fachadas dos imóveis eram coloridas, com pelo menos uma janela e porta que colocavam as mulheres em contato com a circulação de pessoas da Vila. As residências onde prevaleciam as demandas profissionais das mulheres que trabalhavam na região eram pequenas e sem qualquer tipo de luxo, onde prevalecia uma divisão de cômodos muito maior do que o próprio espaço comportava. Segue-se que os espaços eram recriados à medida que o fluxo de clientes aumentavam.

---

<sup>8</sup> SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. p.45

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.45

<sup>10</sup> SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. p.52



Os quartos eram chamados de *biombos*, pois eram pequenos cubículos erguidos através de divisórias de madeira, onde cabiam no máximo dois móveis e uns poucos utensílios. As relações sexuais no antigo “Piranhão” eram travadas de maneira rápida e direta, nesse sentido parece dispensável a preocupação com conforto e comodidade, pois o tempo de utilização do quarto seria curto<sup>11</sup>. No entanto, essa falta de preocupação com o conforto não se mantém nos tempos atuais, pois segundo uma reportagem da emissora de TV *Redetv* na Vila Mimosa, uma garota de programa confessa que os clientes de hoje são mais exigentes quanto ao conforto que os clientes de antigamente, havendo a necessidade de mudanças estruturais como ar-condicionado nos quartos e a limpeza dos banheiros<sup>12</sup>.

A multiplicação dos espaços antigamente indica que o objetivo dos donos dos bares era o de obter o máximo de lucro nos negócios. No entanto esse lucro não parecia ser revertido em melhorias para tais espaços, a exemplo os banheiros da região que não eram adequados e possuía condições de higiene insalubres. Não havia chuveiros nos quartos e para tanto eram as mulheres que deveriam se preocupar em garantir uma higiene após as relações sexuais, com o compartimento de água em latões para lavarem-se<sup>13</sup>. Esse recinto/ambiente evidenciava o trabalho das mulheres na região, a violência que denota uma história de segregação e submissão que estavam as mulheres do antigo mangue.

Todavia, o Mangue tornou-se uma lembrança de uma zona de prostituição que conheceu a repressão violenta, mas também de profissionalismo e um elevado nível de integração com populares e segmentos de forte expressão artística, intelectual e cultural da época.<sup>14</sup> As desapropriações e demolições deixavam lacunas na própria identificação do bairro, e de certo o Mangue não podia acabar, e resistia a cada ideia de saída e deslocamento da região. Assim, a região da Cidade Nova passou a ser um vislumbre de tempos melhores para alguns moradores, com a translocação do Mangue. As consequências da reurbanização da Cidade Nova forçaram a redefinição de milhares de

---

<sup>11</sup> MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. p. 97-98

<sup>12</sup> Ver: <http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/mulheres-da-vila-mimosa-rj-revelam-praticas-sexuais-pouco-convencionais>

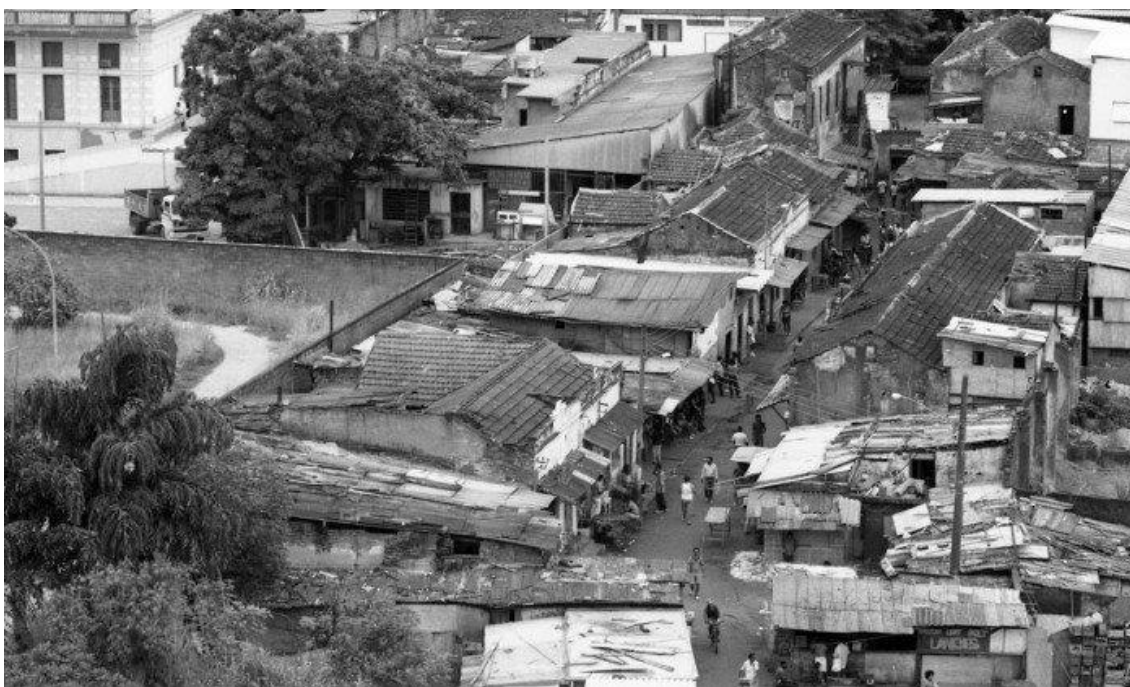
<sup>13</sup> MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. p. 98

<sup>14</sup> CAVOUR, Renata Casemiro. *Mulheres de família: papéis e identidades da prostituta no contexto familiar*. 2011, 148 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC, Rio de Janeiro, 2011.

trajetos diários, desconstruindo todo um sistema de referências morais, espaciais e afetivas que dariam sentido a “vida comunitária” no Mangue.<sup>15</sup>

O projeto do CASS reurbanizaria o entorno do novo centro administrativo do governo municipal, e implantou no coração do Mangue o prédio que se impôs como símbolo da nova Cidade Nova. Como citado acima, no entanto a construção ganhou dos cariocas um apelido, numa espécie de anti-homenagem ao edifício que aplainou a Zona do Mangue, com a denominação de “Piranhão”. A região que produziu parte importante da história cultural e política da cidade, passou a ser vista atualmente através de discursos das próprias mulheres como um passado singular e mesmo para aqueles que não conheceram a região do Mangue passa a ser idealizado pelo que é dito sobre a localidade.<sup>16</sup>

As obras da estação do metrô Estácio que ocorreram ao longo da década de 1970, juntamente com a área abrangida pelo CASS, não deixaria espaço para o deslocamento das prostitutas pelas outras ruas que configuraram o Mangue. No entanto, um trecho que fazia fronteira entre a Cidade Nova e o Estácio, localizado em uma pequena travessa com algumas casas, próximo a estação do Estácio foi o último local para onde as prostitutas se deslocariam na região em 1979.



<sup>15</sup> SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. p.53

<sup>16</sup> MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. p. 112

Figura 3: Vila Mimosa na região do bairro do Estácio. Agência O GLOBO (01/04/1992) / Custodio Coimbra

Após as desapropriações das casas nas ruas Julio do Carmo, Pereira Franco e Carmo Neto, as prostitutas e os donos(as) dos bares do Mangue mudaram-se definitivamente para o que configura-se hoje como a Vila Mimosa. De acordo com Soraya Simões (2010) essa mudança trouxe um aspecto positivo para a Vila Mimosa pois, ao separar os personagens da região do Mangue, a Vila Mimosa passou a simbolizar uma resistência e sobrevivência a todo processo de deslocamentos e intervenções públicas até aquele momento. A tomada de consciência do significado deste recomeço, predestinado a ser o último sobre aquele território, foi possível criar uma identidade de grupo, inclusive por ser este o mais importante e definitivo recurso de que dispunham para pleitear o direito à existência e permanência no local, enquanto trabalhadores destituídos, social e culturalmente, desta condição<sup>17</sup>.



Figura 4: Construção da estação de metrô Estácio, zona norte, Rio de Janeiro. Década de 1970.

<http://www.rioquepassou.com.br/2008/04/01/obras-da-estacao-estacio-do-metro/>

<sup>17</sup> SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. p.56

A Vila Mimosa perdurou no centro da cidade até o ano de 1996, quando por determinação do ex-prefeito do Rio de Janeiro, César Maia o espaço foi removido da antiga região do Centro Administrativo São Sebastião (CASS), na Cidade Nova, para a região da Praça da Bandeira. Esse movimento de translocação não foi simples, pois no ano de 1995, por conta de um projeto público conhecido como o *Projeto Teleporto*<sup>18</sup>, foi decretada a saída das prostitutas e cafetinas das casas de prostituição. Os interesses econômicos foram maiores que a resistência do Manguê. No entanto embora essa remoção tenha sido precedida de muitas negociações ela só foi possível em função das experiências motivadoras que davam a certeza de que sempre haveria uma oportunidade para se discutir politicamente seus próprios interesses. A prefeitura à época dava às mulheres que trabalhavam com a prostituição posicionamentos quanto a mudança, uma delas era a possível compra de um imóvel em São Cristóvão, próximo à avenida Brasil, que não teve posições favoráveis das trabalhadoras da região por conta da pouca acessibilidade do local<sup>19</sup>.

#### **1.4 - A Vila Mimosa na Praça da Bandeira**

Em meados de 1995, o prazo dado pela prefeitura para a entrega das novas casas de prostituição diminuía, e apenas no último mês a presidente da Associação das Prostitutas da Vila Mimosa, Eunice Coelho, anunciou a compra de um galpão em Duque de Caxias, utilizando metade do valor pago de indenização da prefeitura. A escolha do lugar gerou uma grande insatisfação das donas dos bares e prostitutas com o local, que na época era deserto, distante da região central e à beira de uma estrada onde dizia-se acontecerem “desovas” na Baixada Fluminense. Eunice desapareceu tempos mais tarde com o restante do dinheiro que deveria ser dividido com todos os outros donos de casa. Segundo Soraya Simões (2010) faltando apenas quinze dias para a demolição das casas na região da Cidade Nova, cafetinas e prostitutas uniram-se para comprar outro galpão, porém desta vez em uma localidade mais próxima do centro da

---

<sup>18</sup> O projeto do Teleporto previa uma modernização para a região central da cidade do Rio de Janeiro, incluindo a parte que se localizava o CASS, tal medida visava instalar um prédio com alta tecnologia no setor de telecomunicações da cidade.

<sup>19</sup> SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. p.64

cidade, na Praça da Bandeira, a menos de um quilômetro do ponto de que elas sairiam em duas semanas<sup>20</sup>.

No dia 2 de janeiro de 1996, prostitutas e cafetinas deixaram a região da Cidade Nova e rumaram ao novo local, o bairro da Praça da Bandeira, um espaço plural que agregou outros micro espaços de lazer, trabalho e sociabilidade, como o garage (uma casa noturna da rua Ceará), o frigorífico e as garotas de programa que vieram do antigo espaço do centro da cidade. Jornais internacionais como o parisiense *Le Monde* acompanhou a mudança na época, que trouxe estampado em sua primeira página o dia que as mulheres da “quase secular zona de prostituição do Rio” tiveram que deixar suas casas<sup>21</sup>. Porém, nada foi tão simples e fácil como se pode descrever. O processo de mudança teve confrontos com moradores da área que criticavam a chegada das casas noturnas e conseqüentemente a prostituição, isso talvez tenha uma explicação possível porque ao pensarmos na noção de territorialidade podemos notar que as pessoas procuram se identificar e pertencer com o espaço onde ela vive e a presença de uma zona de prostituição poderia agregar no imaginário das pessoas a época algo pouco positivo para o local. De acordo com Simões (2010), com a chegada da Vila Mimosa na localidade deu-se o desmantelamento de um cotidiano pautado em uma estrutura familiar, tida como núcleo social primordial de algumas pessoas e ameaçado pela presença das prostitutas e pelo aluguel de vagas em habitações e comércios que tornou-se rentável, com a chegada da Vila Mimosa ao local, porém gerou uma rotatividade de pessoas ditas “estranhas” ao grupo de moradores da região<sup>22</sup>. O meio acadêmico discute a um bom tempo sobre as diversidades de perspectivas analíticas que os espaços e territorialidades ganham em nossa sociedade, eles são (re)significados constantemente pelos sujeitos que são os agentes dessa significação. A Vila Mimosa se apresentava aos habitantes da Praça da Bandeira como um ambiente perigoso, assustador, onde os moradores estariam a mercê dos riscos e das más influências que poderiam chegar com a mudança desse complexo prostitucional.

No entanto, os laços de aproximação entre moradores e a Vila Mimosa foi sendo construído ao longo do tempo, na medida em que os próprios habitantes da região começaram a enxergar a possibilidade rentável na abertura de comércios paralelos à presença das prostitutas como restaurantes, alugueis de quartos, lavanderias e serviço de

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 64

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.65

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.69

babás dos filhos das trabalhadoras da área, etc. Passados mais de 20 anos da mudança da Vila Mimosa, as redes de solidariedade e sociabilidade na região consolidaram-se e atualmente podemos notar a criação de um vínculo maior tanto na perspectiva econômica quanto social entre as casas noturnas e seu entorno. É interessante pensar na compreensão da ideia de sociabilidade a partir de vários momentos que (re)significam espaços e delinham territorialidades, a definição e forma de sociabilidade podem ser geradas a partir das relações humanas sobre o espaço, o que denota que as redes da Vila Mimosa são tecidas a partir dos resultados gerados pelas ações do homem com o espaço e não o contrário.



Figura 5: A vila na Vila: Conjunto de casas no final da rua Sotero dos Reis, Praça da Bandeira, Rio de Janeiro

## 1.5 – A Vila Mimosa e os Grandes Eventos



Figura 6: Por dentro da Vila Mimosa. <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/veja-fotos-da-vila-mimosa-que-se-prepara-para-a-copa,4c61dd93215b5410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>

Em 30 de outubro de 2007 foi formalizado que o Brasil seria a sede dos jogos da Copa do Mundo de 2014. Já em 2009 a cidade do Rio de Janeiro foi eleita sede dos jogos olímpicos de 2016, 2 anos após o campeonato da organizado pela FIFA. No ano de 2011 o papa Bento XVI avisava ao mundo que a cidade escolhida para a Jornada Mundial da Juventude de 2013 era o Rio de Janeiro. De fato havia um glamour e olhares de todo o mundo para o Brasil e em especial para o Rio de Janeiro. A cidade se preparava para esses grandes eventos, e tão logo o comércio começava a se organizar para receber turistas do mundo inteiro.

No ano de 2013, quando ocorreu a Jornada Mundial da Juventude a Vila Mimosa ainda passava pela euforia de receber no ano seguinte a Copa do Mundo. Porém, um fato marcou a história do lugar e de todos que trabalham e moram na localidade, a passagem da cruz peregrina da JMJ. No dia 11 de julho a cruz peregrina, símbolo do catolicismo que veio direto do vaticano para a JMJ parou na Vila Mimosa, com o objetivo de alimentar a fé das mulheres que trabalham na região, essa ação foi muito marcante para a localidade e para as garotas de programa que trabalham no local, como um gesto de reconhecimento da igreja para com uma área vitima de preconceito e marginalização da sociedade.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> <https://oglobo.globo.com/rio/jmj-cruz-peregrina-aterri-ssa-na-vila-mimosa-8749184>. Acessado em: 30 de março de 2018



Figura 7: Cruz peregrina em frente a Capela de São José, na JMJ 2013.



Figura 10: Procissão liderada pelo Arcebispo Dom Orani Tempeste, em 2013 na JMJ.

A medida que os eventos como Copa do Mundo e Olimpíadas se aproximavam a Vila Mimosa e a região ao entorno também procurou se organizar para o aumento de clientes e turistas diante desse período festivo. O lugar fica a mais ou menos 20 minutos de um dos principais palcos do futebol mundial, o Maracanã, e nesse sentido buscou se



preparar com bandeiras e decorações futebolísticas por conta daquele período<sup>24</sup>, e até cursos para algumas mulheres de inglês e espanhol promovidos pela FAETEC para se comunicar com os turistas estrangeiros. A AMOCAVIM promoveu ações de conscientização sobre a saúde feminina e a violência contra as mulheres, além disso, a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos fizeram campanhas contra o tráfico de pessoas e pela erradicação do trabalho escravo<sup>25</sup>.

Todavia, segundo a reportagem do jornal “O Globo”, os jogos da Copa não foram tão benéficos para a economia da Vila Mimosa. Em avaliação produzida pelo Observatório da Prostituição, da UFRJ, a presença de um número elevado de turistas nacionais e estrangeiros não significou em um aumento no número de clientes para a região. De acordo com o observatório, em meio aos 83 pontos de prostituição pesquisados, somente 17 registraram aumento no fluxo de caixa e 6 mantiveram o fluxo de caixa normal. Porém, 60 pontos de prostituição, incluindo os da Vila Mimosa, onde trabalham cerca de mil mulheres, a queda no número de clientes variou de 30% a 50% entre 12 de junho e 13 de julho. Para o Observatório, a queda no número de clientes pode ser atribuída a um conjunto de fatores como o fechamento do comércio do Centro da cidade nos sucessivos feriados decretados durante a copa, além da dependência da Vila Mimosa e dos pontos de prostituição do Centro (onde estão as maiores concentrações de prostitutas) de clientes que não circularam nessas áreas em feriados.

Além disso, um ponto importante do levantamento feito pelo Observatório precisa ser destacado, a presença de clientes estrangeiros e turistas de outras regiões do Brasil estavam na região da Lapa e Zona Sul, além de poucos recursos financeiros já que uma parte dos turistas que vieram para o Brasil era da própria América do Sul. Uma estratégia para resolver esse problema foi a migração de algumas mulheres que trabalhavam no centro da cidade e na zona norte para a orla da zona sul, o que ampliou as atividades sexuais na região e decaiu nas áreas mais periféricas. Os preços dos programas também foram um ponto importante da pesquisa, pois de acordo com o observatório os valores acima da média impuseram algumas restrições financeiras aos turistas, limitando o gasto dos mesmos no período da copa<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Até o ano de 2016 alguns bares ainda possuíam bandeirinhas comemorativas da copa.

<sup>25</sup> <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,mulheres-da-vila-mimosa-se-concentram-para-copa-imp-1168208> . Acessado em: 30/03/2018

<sup>26</sup> <https://oglobo.globo.com/sociedade/copa-do-mundo-foi-considerada-ruim-pelas-prostitutas-no-rio-de-janeiro-13831773> . Acessado em: 30 de março de 2018

No entanto, com os jogos olímpicos o cenário foi diferente, de acordo com a reportagem do jornal Extra a crise econômico-financeira afetou até as boates de luxo da zona sul carioca e parte dos clientes dessas casas migraram para as casas da zona norte que cresceram em índices bastante alto no período das olimpíadas<sup>27</sup>.

Contudo, de acordo com o documentário produzido pela VICE Brasil chamado “Por Dentro da Vila Mimosa”, os jogos olímpicos criaram uma expectativa na ampliação do número de clientes das casas de prostituição da Vila, mas esta expectativa não foi confirmada. Uma das explicações para o insucesso de lotação foi o fato da Vila Mimosa estar localizada a 25km de distancia do parque olímpico. Mesmo com valores menores em relação a prostituição na zona sul e Barra da Tijuca, a região sofreu com a queda no número de clientes. O documentário é revelador quanto ao decréscimo no número de programa das mulheres nas Olimpíadas. Em 2016 o valor de um programa custava em média 65 reais, 30 minutos, onde 50 reais era da prostituta e 15 reais o valor do aluguel do quarto por cada programa<sup>28</sup>, porém como disse uma das entrevistadas, em dias comuns ela conseguia ganhar 600 reais por dia. Com os jogos olímpicos esse valor caiu para 100 reais. A mesma acredita que a violência afastou muitos clientes com medo de roubos, brigas e consumo de drogas. Na voz de uma entrevistada no documentário, a Vila já teria sido um bom lugar para se ganhar dinheiro, ao ponto de sair em uma semana com 1.500 reais, porém isso não acontece mais, e muitas se garantem em 3,2 ou 1 programa por dia<sup>29</sup>.

## **1.6 – A vida cultural da Vila Mimosa**

A vida cultural na Vila Mimosa é repleto de enredos, agitos, caminhos e bastante significado. Presente nessa região desde o ano 1996, a Vila Mimosa está localizada ao lado esquerdo da Rua Sotero dos Reis. Como vimos, o local nasceu na região por causa da compra de um grande galpão, com cerca de 2500 metros quadrados, em forma de um quadrado, onde a parte frontal é aberta e de frente para a rua principal. Nas outras três linhas desse quadrado e na sua parte central há os estabelecimentos (casas noturnas) de

---

<sup>27</sup> <https://extra.globo.com/esporte/rio-2016/apos-queda-de-ate-50-olimpiada-reergue-mercado-da-prostituicao-no-rio-19875549.html> . Acessado em: 30 de março de 2018

<sup>28</sup> Atualmente os valores dos programas mantiveram-se os mesmos, não tendo alteração na relação tempo e programa, ou seja, 65 reais por 30 minutos.

<sup>29</sup> Ver documentário “Por Dentro da Vila Mimosa”. [https://www.vice.com/pt\\_br/article/vv4nm8/vice-360-por-dentro-da-vila-mimosa](https://www.vice.com/pt_br/article/vv4nm8/vice-360-por-dentro-da-vila-mimosa). Acessado: 31 de março de 2018

prostituição e passagens entre os dois lados desse quadrado. Os acessos são calçados com pisos, estreitos e cobertos, como podemos notar na imagem abaixo<sup>30</sup>.



Figura 8: Entrada e saída da Vila Mimosa (Fonte: Google Maps)

Os bares fazem parte da vida cultural da região e localizam-se na parte de baixo do galpão, já os quartos, para a realização dos programas, estão situados no segundo andar. As atividades profissionais da região não têm horário de encerramento, funcionando 24 horas e com grande intensidade de pessoas que transitam pelo local, em períodos de tempo distintos. Há algumas casas/bares que fecham e outros que se mantêm abertos independente do momento ou feriado. Além disso, existe na região um dinamismo econômico de vários vendedores, tanto dentro quanto fora do galpão que forma a Vila, juntamente com outros comerciantes disputando os clientes com as vendas de diferentes produtos como sucos, doces, salgados, churrascos, cachorro-quente, lingerie, biquínis, batom, sombras, desodorantes, perfumes, cremes, bijuterias e preservativos. Para tanto, pode-se concluir nesse quesito que as atividades prostitucionais são as principais atrações comerciais da região, e nesse sentido tal demanda profissional acaba por fomentar as outras atividades no local e possibilita o crescimento econômico da região.

As residências que ficam situadas ao lado direito, em frente ao galpão que deu vida à Vila Mimosa, foram reestruturadas e divididas, como assinalou Elisiane Pasini (2005), em dois, três ou mais estabelecimentos. Já outras moradias, passaram a ter mais

---

<sup>30</sup> PASINI, Elisiane. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. *Cadernos Pagu*, 25, p. 185-216, 2005. p. 188-190.

um andar, um “puxado”, com escadas para fora do prédio, como atrativo para mais clientes. Podemos notar também que em algumas casas preocupações com a infraestrutura do prédio são vistas como algo secundário, com muitos fios de energia elétrica sem nenhuma proteção ou isolamento, com possibilidades de curto circuito, assim como algumas casas e bares que estavam com tijolos à mostra do cliente. Porém nada isso afasta os frequentadores da região. Pelo contrário, ao frequentar no início de cada mês a região, percebo que a área fica cada vez mais cheia, com dificuldades até no espaço de movimentação do lugar.

Muitos homens vão à Vila como frequentadores e observadores, gastam seu dinheiro consumindo bebidas alcoólicas e se deleitando com os desfiles e as danças sensuais das prostitutas que ficam nas portas dos bares e becos da Vila. Outros homens ficam à espera de uma troca de olhares para iniciarem uma conversa ao pé do ouvido com alguma prostituta. Nas vezes que estive no campo fui visto como cliente pelas garotas de programa e isso é completamente natural, pois estava num ambiente onde minha entrada era preconcebida como um “usufruidor” dos serviços sexuais dispostos na localidade. Uma vez fui abordado por uma prostituta e expliquei a ela que era um pesquisador e fazia uma pesquisa sobre os símbolos religiosos da região, a medida que ia explicando sobre a minha presença no local, as respostas da mulher giravam em torno da realização de um programa, ao fim de nossa conversa não subi ao quarto com ela e a mesma ainda saiu sem acreditar em mim, dizendo que “ela também podia ser parte da minha pesquisa” caso eu quisesse subir para um dos quartos. O interessante dessa conversa foi consegui descobrir com ela que a mesma estava na prostituição fazia 15 anos. Após isso encontrei com ela mais duas vezes somente.

As conversas nutridas entre cliente-prostituta visavam atizar o interesse dos homens para a realização dos programas. As mulheres utilizavam de táticas corporais sensuais como as danças e, ao mesmo tempo que discutiam os valores do programa, falavam ao cliente das fantasias que seriam realizadas no quarto acima. As roupas utilizadas pelas prostitutas, as diferenciavam de outras mulheres, como propriamente as donas dos estabelecimentos que tinha um outro padrão de vestimenta, elas (prostitutas) se preocupavam em atrair clientes e uma das estratégias usadas na Vila Mimosa era o uso de biquínis, calcinha e sutiã ou roupas curtas e claras que acabam expondo o corpo ou as roupas apertadas que o detalham, tais formas de vestimenta atraía os olhares dos homens. Como revela César Augusto e Luís Saraiva (2004), o pesquisador olha, porém também é olhado, não passaria despercebido nesse ambiente. Era notório e muito

interessante a observação das fisionomias masculinas ao fecharem o negócio com as mulheres. Muitos saíam com um ar de conquista, outros de euforia, mas sempre animados, esbanjando um sorriso de canto de boca, com um copo de cerveja na mão. Após o decreto com um simples “Vamos lá!” os homens subiam para os quartos e lá fechavam a noite, com divertimentos e prazeres.

O movimento à noite revela uma intensidade fora do comum em outros momentos do dia, isso porque estamos falando de um lugar que sobrevive da noite. Entre as segundas e sextas-feiras, os dias de maior movimentação eram quinta e sexta-feira, e nos finais de semana a noite de sábado sempre foi a mais movimentada<sup>31</sup>.

O início da rua Sotero dos Reis a aparência causa certa estranheza para aqueles que não conhecem a região, a quantidade de sujeira somada a poças de água formadas nos meios-fios e o forte odor da região não parecem o local adequado para todas as atividades que são promovidas nesse espaço, no entanto as pessoas vão chegando e com o passar do tempo um conglomerado de pessoas se formam para curtir a noite da rua Sotero. Em tudo o que se olha e experimenta na Vila Mimosa passam pelos bares da região, desde o salão de beleza a lanchonete do início da rua, eles (bares) movimentam a região com suas músicas, produtos e relações sexuais que são tecidas nas casas, os jogos de sinuca e o som alto ecoam e misturam-se com os sons de outros estabelecimentos. Ao longo dessa observação pude notar que tais estabelecimentos compõem uma rede econômica que não somente movimentam a região como atraem novas pessoas para a área, mesmo com problemas urbanos estruturais, como os citados no início do parágrafo. Pode-se dizer que a região possui uma vida comercial ativa, onde a prostituição pode ser encarada como um dos principais aspectos da área, até porque para aqueles que conhecem não há como pensar na Vila Mimosa e não associá-la com os programas que são estabelecidos lá, porém os bares são instrumento chave para tudo o que está envolvido no local e para o desenvolvimento comercial da área.

### **1.6.1 - “O pecado mora ao lado”: os bares da Vila Mimosa e a vida econômica da Vila**

---

<sup>31</sup> No dia de domingo procurei sair mais cedo da região, devido a alguns fatores como diminuição de ônibus, trem e alto valor dos aplicativos de carro particular, por isso minha percepção refere-se até o horário das 21hs.

Pensar na ideia de cidade e suas multiplicidades espaciais possibilitam vários olhares que funcionam como um caleidoscópio, cada olhar possibilita uma visão diferente e torna-se preciso saber lidar com a diversidade da cidade, sentir os cheiros que esses espaços emanam, provar seus gostos, conhecer as pessoas, caminhar pelas ruas para podermos falar sobre ela (as ruas), discutir e interpretá-la, compreender seus diferentes significados.<sup>32</sup> Lembro da minha primeira visita a Vila Mimosa, fui de trem com um amigo e desci na estação de São Cristóvão, caminhamos até a famigerada rua Ceará, que alguns confundem com o local onde está situada a Vila Mimosa e de lá viramos a esquerda e entramos na rua Sotero dos Reis, estava a procura de símbolos religiosos e tinha a curiosidade sobre o espaço. Logo no início da rua Sotero dos Reis há uma entrada para outra rua, chamada Hilário Ribeiro, como se vê abaixo



Figura 10: Rua Sotero dos Reis (Vila Mimosa) e à direita rua Hilário Ribeiro

e lá me deparei com uma capela católica, cujo o padroeiro é São José, conhecido entre seus devotos por ser o padroeiro da família. Em frente à capela, há um gastro/bar cujo o nome é bem sugestivo, “*O pecado mora ao lado*”, que faz uma remissão à Vila Mimosa

<sup>32</sup> SOUZA, César Augusto Martins de; SARAIVA, Luís Junior Costa. *Saiu do bordel e foi a igreja: sociabilidade, família e prostituição no bairro do Jurunas, Belém-Pará*. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARRETO, Maria Cristina Rocha (orgs.). *Antropologia das Emoções*. Ensaios. João Pessoa, GREM, 2004. P. 18-31

que esta situada na rua ao lado e também a um filme estrelado por Marilyn Monroe em 1955. Meu primeiro contato no “pecado” foi com o garçom do restaurante e busquei saber informações sobre a Vila Mimosa e minha primeira reação foi perguntar onde era a Vila Mimosa.

Conheci o dono do gastro/bar, um homem muito simpático e solícito chamado Abdol. Me apresentei a ele como pesquisador e logo iniciamos uma conversa, onde explicava qual o meu interesse pela Vila Mimosa. Após o início do diálogo, Abdol se prontificou a me ajudar no campo com a minha pesquisa e acabou me levando para conhecer o espaço que é composto a Vila Mimosa. Dado meu interesse no tema da religião na Vila Mimosa, perguntei a Abdol sobre a presença da capela situada em frente do seu restaurante, se havia celebração de missas e muitos fiéis na região. Ele acenou positivamente sobre o funcionamento da capela e descobri que o seu horário de funcionamento era sempre aos domingos, com a celebração de uma missa às 17hs.

A entrada no campo não é uma das tarefas mais acessíveis e fáceis do antropólogo, talvez essa seja a ação mais complexa no mundo acadêmico da antropologia e no meu caso a mais difícil. Ser um estranho, com objetivos distintos e com impulso a descrições densas nos torna diferentes no local e senti isso ao chegar na Vila Mimosa. A prática do ofício antropológico é árdua e a vejo relacionada através da perspectiva da ação do *agir e conhecer* e o que se vai compreender ao mesmo tempo, acredito que o fazer antropológico designa através de seu discurso e legitimidade as regras das relações morais dos homens entre si e como as enxergamos. Nesse sentido, a ação antropológica tem uma tendência a participação ativa do antropólogo no campo sobre a realidade investigada, a partir disso o pesquisador situa-se numa condição mediadora de culturas e muitas das vezes de desconforto com o que se vê.<sup>33</sup> De fato, nossa ação anda no limite do ético e não-ético e creio que seja necessário uma reflexão sobre a distinção de *neutralidade e imparcialidade*, pois a ideia de imparcialidade deve estar integrada no horizonte do etnólogo orgânico, uma vez que isso significa, em termos morais e cognitivos, a adoção de uma postura instrumentalizada pela perspectiva adotada, assim a busca pela imparcialidade demanda que o intérprete se coloque “em perspectiva” e se esforce para não deixar de responder, com argumentos, as objeções advindas de interpretações alternativas sobre a questão que esta em pauta. Concordo

---

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O mal-estar da ética na antropologia prática*. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro. *Antropologia e ética o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004. P.19-23

com Roberto Cardoso (2004) ao dizer que a distinção vista acima resguarda o lugar da objetividade e não responde, no plano cognitivo, aos problemas confrontados pelo etnólogo ou pela antropologia prática. Certo, é que a chamada “equidistância moral e política” (termo usado por Roberto Oliveira), recomendada pela academia, parece não se justificar, pois a ideia de objetividade absoluta é inexistente e o espaço de ação do pesquisador não pode ficar vazio, pois nesse sentido estaria sendo ocupado por alguém, seja eles funcionários, políticos ou administradores pouco comprometidos com a necessidade de alcançar consensos juntos com o que foi o objeto de pesquisa. É importante que se compreenda que a antropologia prática, devotada a ordem moral, vem progressivamente impondo-se ao exercício de nossa disciplina simultaneamente a investigação etnográfica, e essa ênfase ética é um meio de intervenção discursiva do pesquisador na sociedade investigada.<sup>34</sup> Tive o privilégio ao conhecer Abdol, pois o mesmo sempre foi muito solícito com as minhas questões de pesquisa. Concordo com Luís Oliveira (2004) que as pesquisas com seres humanos transformam os sujeitos da pesquisa no papel de ator social (sujeito de interlocução) e somados ao trabalho de campo um dos principais símbolos das atividades de pesquisa do antropólogo, o próprio objeto de pesquisa, relacionado com os seus atores sociais são negociados, tanto no plano da interação com os atores, no campo; como no plano da construção ou da definição do problema pesquisado e quando o trabalho será redigido. Todavia, é importante ressaltar que uma vez no campo, o antropólogo também se relaciona com os nativos enquanto ator, e frequentemente participa do modo de vida do grupo estudado ou compartilha experiências com seus interlocutores,<sup>35</sup> minha entrada na Vila Mimosa esteve relacionada um pouco com esses elementos.

Minhas conversas com Abdol sempre foram muito positivas e gostava de fazer minhas anotações e observações em seu estabelecimento, me sentia inspirado a observar o campo. Abdol é um comerciante que está na Vila Mimosa a três anos, com seu projeto de “gastro bar”<sup>36</sup>, com música ao vivo para agitar as noites da Vila Mimosa, porém seu estabelecimento não funciona somente no horário noturno, Abdol abre no horário diurno também e nesse momento ele oferece aos seus clientes almoço, petiscos ou um

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O mal-estar da ética na antropologia prática*. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro. *Antropologia e ética o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004. P.19-23

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Luís R. Cardoso. *Pesquisas em versus pesquisas com seres humanos*. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro. *Antropologia e ética o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004. P.33-44

<sup>36</sup> Talvez a definição mais interessante fosse PUB, no entanto preferi usar o termo original gastro bar por ser usado pelo próprio comerciante.



espaço para conversas. Nas noites da Vila Mimosa seu estabelecimento parece com um public house, ou pub, muito agradável a todos que curtem comércios semelhantes, nas noites no “pecado” eram sempre muito agradáveis e era muito interessante ficar por ali. Uma certa vez, perguntei a Abdol o que ele fazia ali, e ele me respondeu dizendo que muitos dos seus amigos o questionaram também porque abrir um empreendimento na região com tal finalidade. De acordo com Abdol, o projeto de seu estabelecimento seria inovador, já que não há nenhum “gastro bar” nas redondezas e isso poderia chamar atenção de clientes da própria Vila Mimosa que pode passar a noite inteira na região e de clientes que não teriam interesse nos ofícios prostitucionais da Vila Mimosa.

As ruas de paralelepípedos desnivelados revelam, uma região excluída dos processos de revitalização da cidade e carente de ações do estado, além de ser escondida do centro. Se via de tudo um pouco na Vila Mimosa, desde algumas mulheres se prostituindo nas ruas, correndo atrás de carros e oferecendo seus serviços profissionais até parada de algumas atividades para assistir o jogo do Brasil na copa. Quando parava no restaurante de Abdol, percorríamos juntos as mais variadas casas prostitucionais da Vila.

O antropólogo é alguém que ocupa uma posição de saber e também um detentor de status, prestígio e poder. Procurava deixar Abdol caminhar sempre na minha frente, seus conhecimentos geravam em mim uma sensação de intimidade com o local à medida que cumprimentávamos todos que Abdol conhecia. Como ele é bem popular entre algumas donas de bar na região por causa do seu restaurante, muitas vezes ficava sem espaço para me apresentar, pois as mulheres logo que o cumprimentavam e descobriam que eu era pesquisador buscava um espaço e voltavam as suas atividades profissionais. Por vezes, para tentar conversar com alguma prostituta pensei em pagar pelos serviços e consegui uma entrevista, por razões financeiras isso ficou difícil a partir de 2017.

Abdol foi o responsável por me apresentar a Vila Mimosa e a algumas donas de bares da região, assim como mulheres que trabalhavam na Vila desde a antiga sede. Foi central para a redação deste trabalho o consentimento de Abdol em querer colaborar para o desenvolvimento da pesquisa, ouvi diferentes histórias ao lado de Abdol, como de uma senhora que trabalhou na Vila Mimosa por mais de 30 anos como manicure e que por sua vez presenciou o processo de remanejamento na década de 1990. Segundo ela, não tinha sido um processo fácil, de início algumas cabines foram improvisadas para o trabalho das garotas de programa, chegando a criar filas nas portas dos quartos.

No interior do galpão, a estrutura não ajudava muito, com alguns espaços ainda em construção, o que fazia com que os trabalhos ficassem na região superior das casas.



Figura 11: Imagem da Vila Mimosa na década de 1980.

<http://www.overmundo.com.br/banco/vila-mimosa>

Abdol representa para mim um novo perfil de comerciante na região. Seu empreendimento é recente no local, porém, isso não o faz um *outsider* no lugar, pois o mesmo conhece muitas pessoas da localidade o que o denota em alguém de grande popularidade e relevância na região. Com uma nova infraestrutura para os bares ao redor da Vila Mimosa, com seus serviços de música ao vivo e locais externos para conversas e descanso, podemos perceber uma diferença entre os estabelecimentos da “antiga” Vila Mimosa para a “nova”.

Inicialmente, os bares da Vila Mimosa restringiam-se aos bares construídos no galpão. No entanto com a consolidação de um circuito mais amplo de bares na região, houve um aumento no número de estabelecimentos, com trailers e comércio de roupas íntimas, comida e bebidas que acabam contribuindo para o aumento no número de clientes, garotas de programa, e vendedores no lugar. Esses novos estabelecimentos que cresceram à margem da rua Sotero dos Reis estão filiados a Associação dos Moradores e Amigos do Condomínio da Vila Mimosa (AMOCAVIM), instituição fundada em

1996 e que foi presidida por Maria da Glória, prostituta que trabalhou na Vila Mimosa e se cotizou para a compra do imóvel no ano de 1995, após as complicações com a aquisição de outros lugares, como vimos acima.<sup>37</sup>

Nas vezes em que fui até a Vila Mimosa me deparei com uma rotina bastante agitada, movida a muita música, danças, cervejas e redes que são estabelecidas naquele momento entre o cliente e a prostituta. O movimento aparenta ser maior que a época dos grandes eventos na cidade, porém isso também pode ser notado de bar em bar, pois alguns bares possuem uma dinâmica de locomoção maior que outros, o que também abre possibilidade de um estudo sobre o perfil dos clientes nos bares da Vila Mimosa, porém isso não é o meu foco.

Nos anos de 2017 e 2018, por algumas vezes a Vila Mimosa esteve nas manchetes de reportagens, como a publicada por Alexandre Coslei (2018), sobre a “agonia da Vila Mimosa” que, na sua interpretação, remete às quedas no número de frequentadores, crise econômica no estado do Rio de Janeiro e o aumento da violência nas zonas periféricas aos bordéis da Vila que refletem nas próprias ações truculentas de alguns seguranças do lugar<sup>38</sup>.

Apesar das indicações da reportagem de Coslei, ao caminhar pelos bares da Vila Mimosa notei a presença de muitos clientes. Sentar em um dos bares da localidade é deparar-se com uma série de redes clientelares que se formam em questão de instantes. A rapidez nas relações como eram tecidas nos bares chamavam sempre minha atenção e era só esperar 20 a 30 minutos que a prostituta que havia subido as escadas rumo ao quarto, voltaria em busca de seu próximo cliente, as redes de sociabilidade são criadas de maneira instantânea na Vila Mimosa.

### **1.6.2 – A vida cultural na Vila Mimosa: carnaval, música e religião**

O carnaval é uma das épocas mais importantes quanto à movimentação econômica da nossa cidade, gerando uma rentabilidade alta devido ao turismo. As imagens do carnaval sempre remontam à felicidade e às brincadeiras que o povo faz nessa época. Em 2017 foi criado um bloco para homenagear a Vila Mimosa, “Ceará que

---

<sup>37</sup> SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010. p.69

<sup>38</sup> <https://jornalggn.com.br/noticia/a-agonia-da-vila-mimosa-a-herdeira-do-mangue-por-alexandre-coslei> . Acessado em: 31 de março de 2018

sai?”. O bloco foi criado por Gualter Chamusca com a ajuda de Charles Rodrigues, um lutador, idealizador de um projeto social chamado Medellín, que ensina artes marciais para as crianças da comunidade. O bloco caminha da rua Ceará, onde está a sede do projeto Medellín até a Vila Mimosa, o que não é uma distância grande, porém significativa para buscarmos entender a relação de intimidade da Vila Mimosa com a cidade.



Figura 12: <https://oglobo.globo.com/rio/bloco-secreto-faz-homenagem-vila-mimosa-no-rio-22394175> - Brenno Carvalho/ Agência O Globo

Após o carnaval, a Vila Mimosa esteve novamente nos holofotes dos jornais, porém dessa vez por causa de uma operação realizada pela Polícia Civil para combater a exploração infantil. Tal operação buscou reprimir a exploração sexual infantil, porém ninguém foi preso e nenhum menor foi descoberto praticando alguma atividade sexual na região.<sup>39</sup>

Recentemente, no mês de março a cantora de funk Valeska “Popozuda” lançou um vídeo clip na Vila Mimosa, com o título de “desce um gim”, a cantora e o também cantor Mc TH utilizam dos espaços dos bares e da rua para produzir um clip que fala sobre uma mulher solteira, mas que nunca está sozinha e com seu alto poder de sedução ela deixaria qualquer um encantado com seu rebolado. O vídeo em um mês conta com

<sup>39</sup> <http://tv.r7.com/record-tv/rio-de-janeiro/record-noticias-rio/videos/vila-mimosa-no-rio-e-alvo-de-acao-contra-prostituicao-infantil-21022018>. Acessado em: 31 de março de 2018

um sucesso de quase 500 mil visualizações. Segundo a produção desse clip, Valeska ficou quase 14 horas na Vila Mimosa e utilizou a boate Mosaico para a produção interna do vídeo. Além disso, a cantora precisou de 15 figurantes e dançarinos na composição do clip que tem duração de 4 minutos e 09 segundos.

Valeska teve como inspiração o filme “Uma linda mulher” de 1990, no qual a atriz Julia Roberts interpretava uma prostituta das ruas dos Estados Unidos. Curiosamente Valeska utiliza um figurino parecido com o da atriz, nas palavras da cantora “Estou me sentindo a ‘Julia Roberts!’Aguardem que esse ano promete ser inesquecível”. De fato, o vídeo clip é um sucesso na rede e para além da rede, pois Valeska em seu clip deixa explícito um lugar de fala onde busca fortalecer nos tempos atuais a luta contra o assédio as mulheres através dos seguintes dizeres “Não, é não”,<sup>40</sup> esses dizeres fazem parte de uma campanha publicitária contra o assédio as mulheres no carnaval, mas também abrange outros momentos e lugares, como atualmente está em evidência o movimento do “deixa ela trabalhar”, produzido por jornalistas esportivos em combate ao assédio contra as mulheres que fazem esse estilo jornalístico.



Figura 13: vídeo clip “desce o gym” – Valeska Popozuda e Mc TH (2018)

É certo que hoje a Vila Mimosa, na rua Sotero dos Reis, resiste as ações impostas a ela e as redes de poder que são formadas na região. Presente no imaginário da cidade carioca, o prazer esteve no centro de muitas falas e explicações sobre o local,

---

<sup>40</sup><http://portalpopline.com.br/desce-um-gin-valeska-estrela-clipe-gravado-na-vila-mimosa/> . Acessado em: 31 de março de 2018.

a economia da região cresceu com a presença dos bares na localidade, o que trouxe um novo ânimo e fôlego aos comerciantes da região, e remonta a época do Estácio em meio a todo o caos das habitações locais, como as relações econômicas eram estabelecidas e estruturadas. A antiga área de prostituição contava com a presença de alguns artistas como Luiz Gonzaga e Manuel Bandeira que foram figuras marcantes na Vila Mimosa<sup>41</sup>, o que em certo sentido marca uma forma de efervescência cultural na história da cidade. A Vila Mimosa é um lugar vivo e repleto de histórias a serem contadas, a diversidade cultural da região vem a ser uma categoria de suma importância para a continuação deste trabalho, pois permite fugir das armadilhas do etnocentrismo, como traçar um único perfil para os múltiplos grupos sociais presentes no local e pensar todos os sujeitos a partir dessa mesma lógica, como se os discursos e as práticas fossem monolíticas e partilhadas de forma unitária, sem variações ou contestações entre todos os membros de um grupo.<sup>42</sup> É importante destacar na Vila Mimosa, os valores e redes de sociabilidade impostas a ela não pertencem a determinados grupos ou indivíduos da localidade, mas circulam e são apreendidos de maneiras diversas no espaço, assim o que quero dizer é que não se pode apenas fazer uma divisão interna de sociabilidade da Vila Mimosa conforme os marcadores sociais, porque os valores estão circulando nas mais diversas esferas e os sujeitos os apreendem e recriam de formas variadas. Concordo com Michel de Certeau que a sociabilidade propicia ser identificado e protegido por todo o grupo do qual o sujeito participe, aumenta a coerção social, mas ela mesma não é unívoca e abre um campo de outras possibilidades, de acordo com as relações estabelecidas. Segundo César Augusto e Luís Saraiva (2004), diversidade e circularidade são complementares por afirmarem a existência de diversos valores em um mesmo grupo e a recorrência de valores aos mais diversos sujeitos de um grupo, o que abre um leque de possibilidades, sem nada ignorar, e expande possíveis limitações conceituais. De forma complementar, nos mostram sociedades sem o véu das ideias preconcebidas, e ressaltam a necessidade de aprender no cotidiano com o grupo para compreender a construção de práticas sociais e discursos sem etnocentrismos.

---

<sup>41</sup> MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

<sup>42</sup> SOUZA, César Augusto Martins de; SARAIVA, Luís Junior Costa. *Saiu do bordel e foi a igreja: sociabilidade, família e prostituição no bairro do Jurunas, Belém-Pará*. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARRETO, Maria Cristina Rocha (orgs.). *Antropologia das Emoções*. Ensaios. João Pessoa, GREM, 2004. P. 18-31

E dessa forma, portanto ao caminhar pela Vila Mimosa conheci novos eixos de pesquisa que podem ser trabalhados no mundo acadêmico, um desses eixos são as presenças de símbolos religiosos em alguns bares e até mesmo comércios locais da região que é o foco deste trabalho. Não é de espantar vermos todo um repertório religioso na Vila Mimosa e é sobre essa reunião e agrupamento de objetos religiosos que iremos ver no próximo capítulo.

Portanto, acredito que esse capítulo buscou traçar um histórico sobre a Vila Mimosa ressaltando sua relação íntima com a cidade e as redes de sociabilidade que foram tecidas a cada movimento de deslocamentos, saídas e chegadas em novos espaços, procurei compreender como os grupos sociais na Vila Mimosa operavam e operam, através das articulações e experiências sociais. Busco a partir de agora (próximo capítulo) compreender sobre a interação dos elementos religiosos no convívio social da Vila Mimosa e ao andar pela região e conhecer os espaços percebi que um estudo sobre a Vila e os símbolos religiosos desenhados, organizados em altares ou objetos que possuem um objetivo de crença no local podem contribuir para uma reflexão sobre as representações das práticas culturais no local. Não pretendo aqui potencializar minha pesquisa no limite de como os grupos observados se organizam, seu mundo de significados e nem descrever o mundo em que esses significados ganham sentido, não proponho tornar a Vila Mimosa menos enigmática, é importante analisar como os significados produzidos afetam a nossa vida cotidiana. A antropologia desvenda as lógicas dos sistemas culturais e renova as agendas de pesquisa a fim de garantir novas pesquisas e relevâncias para os debates acadêmicos.<sup>43</sup>

Por fim, acredito que o trabalho antropológico possibilita desvendar aos nossos olhos a vida dos sujeitos que antes eram tidos como pessoas anônimas em um contexto de um emaranhado de relações sociais como também nos faz repensar a realidade social que trabalhamos. Procuo mostrar adiante que as experiências dessa observação participante possibilitaram um grau de envolvimento com o objeto selecionado para a realização desta pesquisa, constituindo redes de intimidade entre o objeto e a pessoa. É importante dizer que, como ressaltou James Clifford, a escrita etnográfica nos ajuda a traduzir uma experiência em palavras daquilo que foi pesquisado, e esse processo é repleto de subjetividades e interpretações, ao mesmo tempo que está contida em

---

<sup>43</sup> DEBERT, Guita Grin. *Ética e as novas perspectivas da pesquisa antropológica*. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro. *Antropologia e ética o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004. P.45-53

estratégias de autoridade<sup>44</sup>, por parte de quem escreve e por parte de quem está sendo observado. É através da experiência etnográfica que busco entender qual a relação dos símbolos religiosos com as pessoas na Vila Mimosa e seus significados, para tanto algumas descrições de bares mais precisas serão tecidas ao longo deste texto.

---

<sup>44</sup> CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. (In): *A experiência etnográfica antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. P. 20



## Capítulo 2 – “Foi nos bares da Vila...”: símbolos religiosos e proteção na Vila Mimosa

Os dias na Vila Mimosa são intensos, marcados por euforias, bebidas, altas gargalhadas, músicas em seus volumes máximos e muitos contatos entre as prostitutas e os visitantes. Estar na região requer um treinamento intenso para o olhar observador, sobretudo para o que existe ao redor, cada bar, pessoa, pintura, conversa, som e as relações que são estabelecidas entres os atores do lugar. Ao refletir sobre as questões surgidas do campo uma coisa é notória, qual seja: nem mesmo o sol e a chuva no Rio de Janeiro são capazes de dispersar os frequentadores da Vila Mimosa, pois as pessoas vão se aglutinando dentro dos bares ou nas próprias calçadas, que são cobertas, das casas noturnas e a medida que chegam, não deixam espaço para a movimentação na rua, com o intuito variados, desde assistirem as danças das prostitutas até a definição do programa.

De certo, destaco que o local é um campo de tensões múltiplas que variam de inúmeras maneiras, porém tais inquietações giram em torno de dualismos como, o moral e imoral, o certo e errado, prostitutas e mulheres do lar e o profano e sagrado. Ora, disso saliento que são inúmeras as possibilidades de reflexão sobre o campo da Vila Mimosa e nesse sentido vários são os trabalhos pensados sobre o tema e que nos abrem novas concepções sobre as experiências políticas, sociais, econômicas e culturais da região, procuro me enquadrar na perspectiva cultural e busco compreender as significações das concepções religiosas na Vila Mimosa. Acredito que o questionamento sobre a presença do religioso na Vila Mimosa abre uma possibilidade de pensar questões mais abrangentes, como quais os sentidos e representações a experiência do religioso possui na Vila Mimosa, a formação das redes de reciprocidade entre as pessoas e o divino e quais são as demandas produzidas pelos elementos religiosos na região?

A presença de símbolos religiosos na Vila Mimosa sugere um amplo repertório de fenômenos culturais com sistemas significativos que são capazes de nos propor questões expositivas para o meio acadêmico. Como ressaltou Geertz (2012), os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo, o tom, o caráter e a

qualidade da sua vida, seu estilo e disposição moral e estética, além de sua visão de mundo, suas ideias mais abrangentes sobre ordem<sup>45</sup>.

Nesse sentido, acredito que a presença de muitos símbolos e elementos religiosos na Vila Mimosa, como imagens de São Jorge, Malandros, oferendas para exu e pomba gira, carrancas e figas, constituem unidades que estão relacionadas com significações presentes na cultura popular brasileira, além de serem fontes de informações relevantes para a pesquisa. As representações religiosas acima constituem formulações tangíveis de noções e abstrações da experiência de vida, em materializações perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades e crenças.

Grande parte dos bares da Vila Mimosa contém a presença de elementos devocionais com matrizes africanas. Pude observar que a maneira como as imagens e os objetos são alocados em tais locais possui uma organização própria, com algumas representações e significações, como a proteção de algum malefício que podem ocorrer em uma noite de atividades na Vila Mimosa. Para além das considerações culturais que podemos fazer, a prostituição como fenômeno econômico e social envolve diferentes riscos como a violência sexual, sexo sob coerção, exposição, muitas vezes indesejada, do corpo ou do sexo como única ferramenta de trabalho. A irrupção do sagrado nesta qualidade de espaço enquadra-se numa percepção particular que podemos chamar de geograficidade mítica ou totêmica<sup>46</sup>. As religiosidades compreendidas como afro-brasileiras parecem permitir lugares de anúncio diferenciados para sexualidades diversas. Como ressalta Leonardo Carneiro (2013) essas considerações acima nos ajudam a entender a formação da Vila Mimosa, longe da ideia de “shopping Center do sexo” que funciona 24 horas por dia, mas como um lugar de corporeidades e de sexualidades diversas, protegidas por forças mágicas e por redes sociais oriundas das religiosidades distintas; constituindo-se assim como parte de uma geograficidade particular<sup>47</sup>.

## **2.1 – O caminho até o Aconchego Bar: uma etnografia a partir dos bares**

---

<sup>45</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2012. P. 67

<sup>46</sup> CARNEIRO, Leonardo de Oliveira. Geograficidades sagradas na Vila Mimosa: Um mercado de corpo e alma?. *Geograficidades*, v. 3, n.1, p. 17-38, 2013.

<sup>47</sup> *Ibidem*. p.19

Como visto anteriormente, em meu primeiro dia na Vila Mimosa conheci Abdol, dono de um estabelecimento chamado “O Pecado Mora ao Lado” da rua Hilário Ribeiro. A casa é um dos estabelecimentos mais jovem da região e não há relações de prostituição no ambiente.



Figura 14: O Pecado Mora ao Lado. Fonte: [https://www.youtube.com/channel/UC48VGNGvbIBVytPux4Ok\\_Kg](https://www.youtube.com/channel/UC48VGNGvbIBVytPux4Ok_Kg)

Em todas as casas que visitei com Abdol a presença de elementos com alguma conotação e cunho espiritual ou religioso era recorrente. Oferendas para exus, velas acesas atrás das portas de entrada e saída das casas, altares para são Jorge, pinturas de malandros e pombajiras, isso chamava atenção pois clamava por algum sentido explicativo, qual seja, o porque da recorrência de tais imagens e qual o sentido de sua presença no local.

Foi andando com meu companheiro de campo que conheci uma casa que aos meus olhos se diferenciava de todas as outras. Seu nome característico já criava um impacto, Aconchego Bar, casa de número 07<sup>48</sup>, a denominação desse estabelecimento traz consigo uma ideia de conforto e acolhimento aos clientes que entravam na casa, o que de fato acontecia dentro do lugar. O “Aconchego” reunia um conjunto muito variado de elementos religiosos: bruxas e caveiras servem de adereços no teto, se movendo com o impulso do ar condicionado direcionava o olhar para outro ponto da casa, havia em uma das paredes um retrato do músico norte americano Elvis Presley, que fixa seu olhar lateral para um horizonte indeterminado, em certos momentos de observação procurava saber o que ele (Elvis) observava; em uma das portas nota-se uma imagem de uma caveira colorida mexicana, muito utilizada no dia dos mortos no México, pelo imaginário popular local tal figura tinha o intuito de representar a vida e a proteção contra os maus espíritos. O uso da caveira como símbolo sagrado dos mexicanos deriva de uma herança da cultura pré-colombiana, onde os astecas acreditavam que preservar e guardar o crânio de seus familiares era algo benéfico, no sentido de que nessa parte ficariam armazenadas as boas lembranças e memórias do falecido.

A iluminação do Aconchego Bar também demarca uma importante configuração do espaço, as cores que emanavam das lâmpadas somadas ao som das músicas que saiam do Jukebox serviam de inspiração para as relações tecidas entre as prostitutas e os clientes do bar, no entanto elas também contribuía para o reconhecimento do caráter esotérico da casa, já que esse detalhe também diferenciava a casa de Sílvia com as demais casas da Vila Mimosa.

---

<sup>48</sup> Todas as casas na Vila Mimosa são numeradas.



Figura 15: Uma das portas do Aconchego Bar

A organização e disposição dos objetos no Aconchego Bar não passava despercebido, pois eram muitas as riquezas de detalhes e disposições imagéticas no espaço. Com o toque e requinte que misturava rock e religião, por vezes parava por algumas horas no “Aconchego bar” e procurava conversar com as pessoas que ali trabalhavam. O caráter esotérico das casas marcava a singularidade dos seus estabelecimentos, e essa percepção não era única, pois a atendente que trabalhava para Sílvia também dizia que a mistura daqueles símbolos eu só encontraria nas casas administradas por ela. Nesse momento, passei a frequentar com mais regularidade o estabelecimento de Sílvia, Abdol já não estava mais comigo, em algum momento sabia que isso aconteceria pois, ele precisava estar a frente do seu gastro bar e nem sempre poderia ter a disponibilidade para me acompanhar, no entanto, em um dos momentos

com Abdol comentei sobre a casa que estava frequentando, ele me disse que conhecia a Sílvia, o que foi bem interessante.

Passei a ser figura presente na Vila Mimosa, e visitava com certa frequência o estabelecimento de Sílvia, entrava em outros estabelecimentos também, no entanto não encontrava elementos similares ao Aconchego. Visitei grande parte das casas da Vila Mimosa, entrava pelos espaços, sentava em uma das mesas e ficava a observar, era abordado pelas garotas de programa, no entanto demarcava o limite da minha pesquisa, que era não realizar programa.

Demorava 15 minutos nos bares, quando via alguma cena que chamava atenção ficava por mais tempo. Procurava enxergar todos os tipos de redes e dinâmicas estabelecidas instantaneamente no espaço, via a variação de clientes e o retorno de alguns e fui criando um certo vínculo com aquele lugar. No Aconchego Bar, me apresentei como pesquisador e ressaltéi meu interesse de pesquisa com Sílvia e o empreendimento dela. Sílvia inicialmente ficou meio desconfiada, natural no cenário antropológico, quando se avisa a um nativo que iremos estudá-lo, mas prontamente ela ficou de me ajudar, porém devido às demandas de trabalho nas três casas que são administradas por ela ficava difícil uma entrevista. Foi então que em uma das reuniões de pesquisa, minha orientadora atentou-me para deixar meu contato telefônico e esperar um feedback de Sílvia, procurei fazer isso e em uma das visitas que fiz a Vila Mimosa deixei o meu contato com Sílvia para marcarmos uma entrevista pessoalmente ou via whatsapp. No entanto com o aumento no número de clientes da casa ficou difícil uma mensagem, e retornei até o “Aconchego”, novamente Sílvia não podia me atender e foi então que ela me passou seu contato o que facilitou nossa comunicação.

Combinar um dia e um horário com Sílvia foi muito difícil, compreendia que suas tarefas na Vila Mimosa necessitavam de um tempo especial e um momento para conversarmos deveria ser pensado com muita cautela, pelas demandas profissionais de ambos (minha e dela). Foi então que através de uma troca de conversas pelo whatsapp que marcamos nossa entrevista para uma quinta-feira à noite, a entrevista na semana a deixava mais confortável por conta do número de clientes na região. Pedi para sair mais cedo do trabalho e cheguei por volta de 17h30 da tarde, como havíamos combinado. Ao chegar no local, Sílvia pediu para esperar alguns instantes até que as atividades da casa diminuísse e pudéssemos conversar, o movimento estava alto e até aquela altura de horário Sílvia não havia almoçado, o que me demonstrava que as atividades do Aconchego estava alta desde o horário do almoço.

Sílvia chegava por volta de 11h da manhã na Vila Mimosa e estava sob controle do que estava acontecendo no estabelecimento até aquele momento. Ao me pedir para aguardar sentado em um canto da casa, passei a aproveitar o momento para observar um pouco mais sobre a movimentação daquele dia. Sentei em uma das mesas a esquerda da entrada da casa e fiquei direcionado para a frente da porta, percebia como as pessoas se relacionavam uma com as outras, através de jogos de olhares e ações como uma conversa no ouvido para saber preços e o que era permitido e proibido em uma possível relação.

Sentado na mesa sozinho, estava de frente para uma outra casa e na porta dessa casa estava uma prostituta, aparentemente com 1,65m de altura, loira e de lingerie. Fixei minha atenção para as cenas que se seguiam durante algum tempo, muitos homens passavam e paravam na frente dela em busca de um programa. Conversas se sucediam e a mesma dançava ao som do funk que tocava no bar, a dança que ela fazia era uma forma de agradar aos futuros clientes e atrair pessoas a sua rede, de fato aquela dança tinha um toque sensual, e se o intuito era de chamar a atenção de seus futuros clientes, ela conseguiu. Parei meu olhar no primeiro homem que estava a conversar com ela, com meu caderno na mão e uma coca-cola na mesa, fazia minhas anotações e esperava Sílvia me chamar, continuei a observar aquela cena, o homem sorria e prostituta retribuía o sorriso, ele olhava para o corpo dela, como se estivesse a fazer uma análise do que levaria para casa e através de uma conversa ao pé do ouvido e uma rápida troca de carícias os dois decidem subir para o quarto. Pude perceber que quando se confirmava o programa, o cliente ia para o balcão para fazer o pagamento da relação, enquanto a prostituta ganhava um kit com camisinha, lençol e papel umedecido que eram levados para os quartos para o quarto. Naquela altura continuava a esperar por Sílvia. O tempo e o espaço são controlados pelos sujeitos que compõem o local,<sup>49</sup> ou seja, pela prostituta e o cliente.

Passados trinta minutos a prostituta que havia subido, descia pelas escadas em espiral do estabelecimento em busca de um novo cliente. O homem vinha logo atrás com um sorriso de satisfação, se despedindo da prostituta. Eu já passava para a segunda garrafa de refrigerante e Sílvia ainda não podia me atender, pensava naquele momento que a paciência é uma arte dos antropólogos no campo. A mesma loira que tinha descido com um cliente, novamente estava a subir com um novo homem, e eu

---

<sup>49</sup> PEREIRA, Amanda Gomes. Afetos: Um estudo sobre as relações de gênero e redes de sociabilidade numa casa de prostituição feminina. *GT-1: Gênero, corpo, sexualidade e saúde*, p. 02-11, 2009.

continuava a esperar, impressionava-me naquele momento com o talento de negociação da prostituta. Após algum tempo esperando, Sílvia me chamou para conversarmos. Nesse tempo, uma das prostitutas perguntou se eu estava sozinho e Sílvia tomou a frente fazendo um sinal para avisar que eu estava com ela, naquele momento, Sílvia ressaltou que iria aproveitar aquele tempo para almoçar e me chamou para subirmos até os quartos, o momento foi de suma importância pois não conhecia a organização e distribuição dos quartos e não tinha condições, para naquele momento pagar o valor de um programa, para conhecer como eles eram divididos. Ao subir as escadas e chegar no segundo andar, deparei com uma das mulheres que trabalha na casa, no ofício de limpeza dos quartos e recepcionista das prostitutas com clientes, ela pediu para esperarmos pois havia um cliente no espaço, Sílvia então pediu para limpar a suíte, um ambiente mais espaçoso onde conversaríamos mais à vontade. Ficamos em uma saleta e fomos conversando um pouco sobre o tempo que ela já trabalhava ali. Enquanto conversávamos ouvia os gemidos e o íntimo de uma relação que acontecia em um dos quartos. Sílvia agia com naturalidade a tudo o que acontecia ao redor, enquanto eu, confesso, fiquei sem reação no início e até bem curioso para esperar até o final. Curiosamente, o tempo de limpeza da suíte demorou o suficiente para o término da relação que acontecia em uma das cabines (quartos).

Após a suíte estar limpa, fomos até o quarto e começamos nossa entrevista. Sílvia ficou sentada na cama, enquanto eu me dirigi para uma cadeira que ficava de frente a suíte. Meu celular havia descarregado, o que me impossibilitou gravar nossa conversa, procurei transcrever os principais pontos do nosso diálogo, como segue abaixo.

- **Eu:** Sílvia, há quanto tempo você trabalha na Vila Mimosa?

- **Sílvia:** Acho que devo estar aqui tem mais de 30 anos, tenho muito tempo aqui.

- **Eu:** Seu bar é muito característico aqui, tem muitos símbolos e elementos religiosos, como carrancas e imagens de santos, por que você tem eles aqui na casa?

- **Sílvia:** Eu acredito que eles me protegem de coisas ruins, a carranca serve para proteger o ambiente, assim como o olho grego que eu tenho tatuado.

- **Eu:** Percebi que você tem um São Judas Tadeu e Nossa Senhora tatuados, você é devota deles?



- **Sílvia:** São Judas e Nossa Senhora Aparecida foi uma tatuagem que eu fiz para proteger minha saúde. Há algum tempo eu fiz uma cirurgia de lipoaspiração e tive algumas complicações, acredito muito que eles que me salvaram e por isso as tatuagens.

- **Eu:** Onde você comprou a carranca?

- **Sílvia:** Comprei em um Brexó (risos)

- **Eu:** Vi também que seu bar tem muitas caveiras e bruxas, por que elas estão aqui?

- **Sílvia:** Eu gosto das bruxinhas e durante muito tempo fui motoqueira e por isso das caveiras.

- **Eu:** Você é católica?

- **Sílvia:** Sim.

- **Eu:** Já teve alguém pesquisando o seu bar?

- **Sílvia:** Sim, teve uma vez que uma espanhola fez uma pesquisa aqui e até apareceu em uma revista.

- **Eu:** Você tem essa revista? Lembra o que ela fazia aqui?

- **Sílvia:** Tenho, mas está nas minhas coisas em casa. Ela veio estudar sobre as meninas aqui

- **Eu:** Quantas casas você tem aqui?

- **Sílvia:** Tenho três casas, a 07 que é essa (a principal), a 13 que é mais uma lanchonete e a 62 que fica do outro lado da rua.

- **Eu:** Em todas essas casas você tem a imagem de algum santo?

- **Sílvia:** Sim, aqui na 07 eu tenho Nossa Senhora das Graças, São Judas Tadeus e São Jorge. Na 13 eu tenho Nossa Senhora das Cabeças, ela é linda. Na 62 eu tenho Nossa Senhora Desatadora dos Nós.

- **Eu:** E sua família sabe dos seus estabelecimentos?

- **Sílvia:** Sim, meu marido é muito ciumento, mas ficou assim agora, antes não era não. Acho que foi porque ele aposentou recentemente. Minha filha não gosta, ela faz psicologia, é evangélica, só veio uma vez aqui e não gostou.

- **Eu:** Como é seu relacionamento com as meninas que trabalham com você?

- **Sílvia:** Eu trato todas bem, procuro dar conselhos e cuidarem da saúde. Aqui tem médico toda quinta. Peço sempre pra elas fazerem exames de HIV e se cuidarem.

- **Eu:** Você fecha seu bar?

- **Sílvia:** Ultimamente tenho fechado as segundas, pois não tem tido movimento. Deixo aberta só a 62 que é lá fora.

- **Eu:** Sílvia, voltando a falar das carrancas por que elas ficam colocadas de frente para a porta?

- **Sílvia:** Eu acredito que elas espantam mal olhado, olho gordo e protegem a casa de coisas ruins, violência e pessoas maldosas. Mas eu não tenho só as carrancas na porta não, tenho a deusa da fortuna também.

- **Eu:** Ela também te protege de mal olhado?

- **Sílvia:** Ela protege o material e o espiritual, mas ela tá aqui para trazer boas novas (risos)

Eram 21hs e já estava no horário para ir embora. Agradei a Sílvia pela conversa calorosa e disponibilidade em me atender, além de prestar todas as informações necessárias para a pesquisa. No momento em que estava prestes a ir embora, Sílvia se mostrou preocupada com a forma que eu iria para casa perguntou se eu ia de carro. Informei a ele que não tinha carro e voltaria de trem, a mesma respondeu para tomar cuidado por voltar sozinho nas ruas de São Cristovão. A partir daquele instante percebi que havia criado uma relação íntima com Sílvia, fiquei pensando na conversa com Sílvia e tudo o que ela tinha me dito, a riqueza das informações, saia do campo com a cabeça cheia de ideias para escrever. Sílvia se apresentava como um dos personagens centrais da minha pesquisa e ficava intrigado em saber cada detalhe de seu estabelecimento.

## **2.2 - Da Camisinha a Carranca – os modelos de proteção da Vila Mimosa**

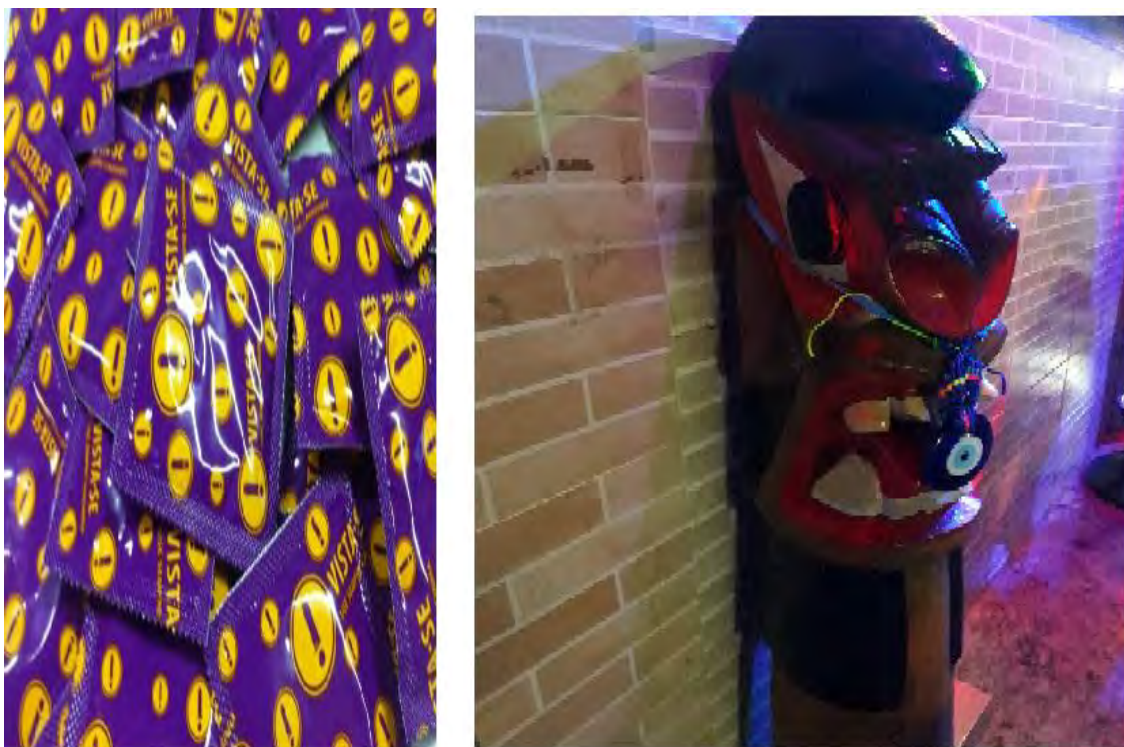


Figura 16: Camisinha e carranca com olho grego

Narrar as experiências de pesquisa na Vila Mimosa possibilita gerar novas indagações e enfrentar as representações sobre a vida cotidiana da prostituição no Rio de Janeiro. A religião se apresenta como um elemento relevante neste cotidiano e tem a importância de operar para um indivíduo e um grupo, como fontes de concepções gerais que operam no sentido de garantir algo, como força, fé, crença e no caso da Vila Mimosa um elemento a mais, a noção de *proteção*.

Livrar-se do perigo é uma ação constante na Vila Mimosa, seja ele (perigo) violência, doença, falta de prosperidade nos negócios, mal-olhado ou morte, tudo isso constitui um perigo para a sobrevivência dos empreendimentos da Vila. A relação da crença e dos perigos em que estão relacionadas as atividades profissionais na rua Sotero dos Reis envolve uma reflexão sobre as concepções de ordem e desordem para entendermos as sistematizações vistas na Vila Mimosa.

A experiência protetional relacionada a um mundo baseado em ações seculares, fora de qualquer experiência religiosa permite compreender a ideia de proteção na Vila Mimosa através da ação do Estado, como por exemplo, através da distribuição de preservativos no posto médico. Desde o ano de 1994, os preservativos passaram a ser distribuídos de maneira ampla e sistemática pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no

Brasil, e ao pensarmos no que é a camisinha podemos ressaltar que ela é um contraceptivo de barreira, que impede que as secreções penianas e vaginais entrem em contato, evitando a possibilidade de prevenção não só da gravidez, como também das doenças sexualmente transmissíveis, conhecida popularmente como DST<sup>50</sup>. Ao pensar nos preservativos, nota-se que o mesmo possui uma eficácia simbólica, aos moldes de Claude Levi-Strauss, que visa proteger as pessoas e, todavia, as práticas sexuais que estão baseadas em uma lógica de higiene e preservação. Procura-se, com o uso das camisinhas nas relações sexuais, afastar as doenças sexuais e garantir a atividade sexual como fonte de trabalho, no caso da prostituta, mas ao mesmo tempo a camisinha garante a proteção do mundo invisível, com as DST's, elas passam a servir como um agente protetor que está presente em todas as relações tecidas pelos atores sociais da Vila Mimosa.

O uso de preservativo é disseminado na Vila Mimosa para as práticas sexuais constituídas na região, e nesse sentido ao utilizar das categorias operativas de Mary Douglas (2012) entendo que as camisinhas podem exercer uma função limítrofe entre os conceitos de puro e impuro, no imaginário da Vila. Como dito acima, o uso dos preservativos servem de proteção para as mulheres e os clientes dos estabelecimentos de alguma doença sexualmente transmissível, todavia o não uso de tal objeto denota uma ação que foge da tentativa de manter um padrão e organização social dentro de uma lógica de sistematização de proteção da Vila Mimosa. Denota-se, neste caso, que a camisinha se transfigura como um agente de proteção, ligado a uma realidade marcada pelas experiências sexuais das prostitutas.

A temática envolve outros agentes de proteção, como é o caso das carrancas, na Vila Mimosa. Ela está presente em ambientes onde se entenda que há a necessidade de proteger algo ou alguém, e dessa forma para entendermos a disposição de tal elemento na Vila Mimosa creio que seja necessário procurar entender um pouco sobre as concepções e historicidades de tal objeto. As carrancas possuem um significado que está relacionado ao fato de serem objetos que ficavam na proa de embarcações e eram utilizadas como artefatos ornamentais e de proteção por barqueiros e remeiros que transitavam em rios e mares. Tais símbolos possuem uma representação totêmica ligada a noção de proteção, e assim são atribuídos valores simbólicos às esculturas construídas

---

<sup>50</sup> Ver exemplarmente: <https://www.mdsaude.com/2010/09/colocar-camisinha.html> Acessado em: 12 de ago. 2018

em cedro, a partir de um imaginário popular.<sup>51</sup> As primeiras anotações sobre as carrancas no Brasil remete ao ano de 1888 nas obras de Antonio Alves Câmara<sup>52</sup> e Durval Vieira de Aguiar<sup>53</sup>, e essas obras relatavam as carrancas como símbolos de proteção das embarcações, que eram importante para espantar os maus espíritos, garantir a proteção da viagem naval, cujo o intuito era atrair peixes e livrar os navegadores de tempestades.

Na cultura popular sobre as carrancas, os remeiros que as utilizavam nas proas de suas embarcações acreditavam na garantia de segurança de suas viagens, pois caso houvesse algum perigo as carrancas soltariam três gemidos para afastar a ameaça<sup>54</sup>. Como ressalta Joice dos Santos (2016), a crença a esse símbolo atribuía um valor totêmico as peças, e quando a situação ficava mais complicada para os navegadores ribeirinhos, os mesmos faziam uma prece para abrir os caminhos através de suas rezas. Diziam os remeiros em sua prece:

Este ou esta qui ta fazendo putaria pra mode a barca não caminhá, mas antes vá fazê no griguilim do xengue-xengue da maculada, do bate-bate, das que bate e outras que infinca, quifeitiço ni nosso trabalho não pega. Porque lhe boto fogo na fundanga. Boto fogo na fundanga, porque sei botá. E não há de faia. (DINIZ, et al, 2009, p. 102).

Essa prece era muito usada quando a barca estava pesada ou quando o trabalho a ser realizado ficava difícil de ser feito, principalmente na subida do rio. Assim os remeiros encostavam suas embarcações em um barranco, cobriam a carranca com um pano preto e cruzavam os remos para realizarem sua reza.<sup>55</sup>

Baseado no imaginário popular desses navegadores, era comum a crença dos mesmos (navegadores) que suas rezas espantavam almas, capetinha, cavalo d'água, cachorrinha d'água, mãe d'água, minhocão, caboclo d'água, serpente do rio, romãozinho etc. Como ressaltou Joice dos Santos (2016), as carrancas tornaram-se

---

<sup>51</sup> SANTOS, Joice Caroline Pinheiro dos. *Cultura e Arte Popular: Processos subjetivos dos carranqueiros de Pirapora-MG. Pretextos – Revista de Graduação em Psicologia da PUC-Minas*. Volume.1, nº 1, 2016

<sup>52</sup> CAMARA, Antonio Alves. *Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil*. 1 ed. 1888. 209 p.

<sup>53</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições Práticas da Província da Bahia*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979.

<sup>54</sup> SANTOS, Joice Caroline Pinheiro dos. *Cultura e Arte Popular: Processos subjetivos dos carranqueiros de Pirapora-MG. Pretextos – Revista de Graduação em Psicologia da PUC-Minas*. Volume.1, nº 1, 2016

<sup>55</sup> DINIZ, Domingos. Ivan Passos Bandeira da Mota. Mariângela Diniz. Rio São Francisco: Vapores e Vapozeiros. Editora: dos autores. Pirapora – Minas Gerais. 2009.

objetos dotado de mana e tabu, possuindo características do sagrado, e com isso, não poderia ser trocada ou retirada das embarcações. Muitos remeiros se sentiam mais seguros durante as viagens e nenhuma criatura ou mau poderiam assustá-los ou prejudicá-los. Além de proteção contra as criaturas do rio, a carranca evitava que as barcas virassem durante as tempestades e, a partir do seu Mana, daria força nas situações de encalhamento<sup>56</sup>.



Figura 17: Competição de Carrancas-boat. Acessado em: <http://www.pa4.com.br/noticias/21344>

Na Vila Mimosa as carrancas possuem um caráter de proteção que visa garantir a ordem do ambiente, e pegando de empréstimo a linha de pensamento de Ana Paula Campos (2016) penso que tal objeto está centrado em uma rede *bar – carranca – prostituta*, que evidencia uma teia de trocas entre os diferentes atores por onde circula simbolicamente a proteção.<sup>57</sup> De acordo com Silvia, proprietária do Aconchego Bar, suas carrancas estão dispostas na frente do estabelecimento, próximo a porta e ao lado

<sup>56</sup> SANTOS, Joice Caroline Pinheiro dos. Cultura e Arte Popular: Processos subjetivos dos carranqueiros de Pirapora-MG. *Pretextos – Revista de Graduação em Psicologia da PUC-Minas*. Volume.1, nº 1, 2016

<sup>57</sup> CAMPOS, Ana Paula de Souza. *Na encruzilhada do exu policial: religião, milícia e regimes de proteção na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro*. 2016, 120 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –PPGCS UFRRJ, Rio de Janeiro, 2016.

das escadas que levam para o segundo andar, onde está situado as cabines dos quartos para os programas, pois elas servem para proteger o espaço. As carrancas possuem uma função simbólica no estabelecimento que é livrar a casa das energias negativas, maus clientes, brigas e violência. A partir de uma leitura maussiana podemos ressaltar que as ações observadas no bar de Sílvia produzem uma prática criadora, a ação de acreditar nas carrancas como um símbolo protecional que forma um campo de representações, onde a crença produz, cria e recria valores organizativos de mundo com contextos cosmológicos.<sup>58</sup>

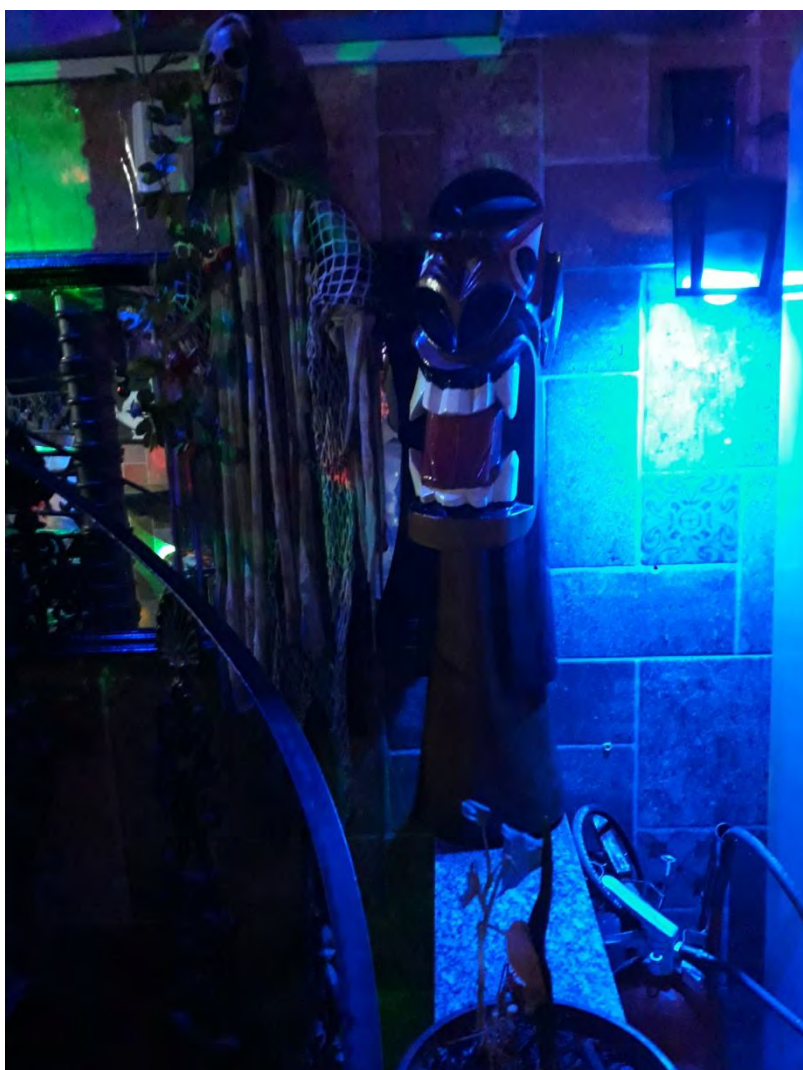


Figura 18: A carranca - Aconchego Bar – Vila Mimosa

Ao considerarmos a agência dos atores da Vila Mimosa com relação aos seus objetos, avançamos no sentido de compreender as ações desses símbolos segundo seus

---

<sup>58</sup> *Ibidem.* p.33

termos e lógicas. Sílvia adquiriu suas carrancas em um brechó no centro da cidade, ela (carranca) está disposta ao lado das escadas que levam os clientes e prostitutas para os quartos onde são realizados os programas. É interessante notar que ao lado esquerdo da carranca podemos notar a presença de uma caveira, que possuem como um dos elementos de sua indumentária arrudas, que no imaginário popular é caracterizado como uma erva para expulsar mau-olhado e a inveja das pessoas. Mas também há esculturas de carrancas em outros espaços, administrados por Sílvia na Vila Mimosa, como por exemplo na casa 63, que fica na rua Sotero dos Reis.



Figura 15: Imagem da carranca, na casa 63, de frente para rua Sotero dos Reis



Os visitantes do Aconchego Bar percebem que Silvia decora essa casa, mais seus outros estabelecimentos com imagens e símbolos religiosos com o intuito de buscar proteção e livrar seus bares de mau olhado, falência, agouros etc. Curiosamente, nessa imagem percebemos a presença das corujas que estão presas na base da escultura da carranca, esse animal tem uma simbologia forte quanto a questão de proteção de um ambiente, sobre isso veremos mais adiante. Interpreto tais ações a partir da leitura de Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (2012), as ações de Silvia, em seu bar, estão ligadas às representações simbólicas que buscam uma ordenação e organização do ambiente. Na concepção de Mary Douglas (2012) a sujeira, representa a desordem, e eliminá-la torna-se um esforço para organizar o ambiente. Douglas, ao mencionar sobre as ideias de poluição nos diz que elas trabalham na vida da sociedade, um instrumental e outro expressivo, e ao mesmo tempo elas podem ser usadas em um diálogo reivindicatório e contra-reivindicatório de status, carregadas de carga simbólica<sup>59</sup>. Existem crenças de que cada sexo é perigoso para o outro devido ao contato com fluidos sexuais, todavia há outras crenças que somente um dos sexos é posto em perigo pelo contato com o outro. Segundo Douglas o que serviria para poluição ligada ao sexo serve para a poluição corporal, assim concordo com a autora as ideias sobre separar, purificar, demarcar e punir o que transgride do que é dado como padrão, têm como função impor a sistematização em uma experiência inerentemente desordenada<sup>60</sup>.

A presença dos elementos visto acima organiza as relações simbólicas com as demandas profissionais da Vila Mimosa de maneira a evocar um caráter protecional sobre os símbolos. Entendo que esses elementos representam um status de proteção aos bares e aos atores que trabalham e transitam pela área. Penso que podemos atrelar a relação de crença e prostituição a ideia da causalidade, de Evans Pritchard, em “Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande” (2005) que nos auxilia a pensar nessa relação onde o autor deflagra o fenômeno da bruxaria como algo da relação causa e efeito, por exemplo a má sorte é resultado da bruxaria trabalhando conjuntamente com forças naturais. Baseado na obra de Evans Pritchard onde a bruxaria é responsável pela relação destrutiva do fato com determinado indivíduo, o autor mostra que os Azande acreditavam no embruxamento ligado aos infortúnios e causalidades, além dos juízos morais. Evans Pritchard ressalta que a bruxaria é explicativa dentro do universo zande, a

---

<sup>59</sup> DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. p.14-15

<sup>60</sup> *Ibidem*. p.15

ponto de possuir grande relevância para o comportamento social dessa comunidade<sup>61</sup>. Ora, na Vila Mimosa a crença em que os santos, figas e carrancas exercem um papel de intervenção divina com a finalidade de garantir a proteção local, e nesse sentido é explicativa dentro da própria ordem social do espaço. Não à toa as carrancas estão dispostas em locais chave para manter a proteção do espaço, elas estão sempre em frente a entrada do ambiente.



Figura 20: Imagem das carrancas em cima da porta de entrada da casa 63.

Pensar a noção de proteção na Vila Mimosa relacionada as concepções imagéticas remete a buscar compreender os símbolos como um mediador sócio-cultural,

---

<sup>61</sup> EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 49-61.

onde através deles (símbolos) os clientes e crentes buscam e conquistam a proteção. Quando Sílvia apresenta em seu estabelecimento a carranca como um elemento que garantiria a segurança do lugar trata-se da criação de uma relação de troca onde tanto Sílvia e quanto a carranca assumem um compromisso conjunto. Ao receber a proteção dada pela carranca, Sílvia retribui mantendo o objeto e o espaço que é utilizado por ela em sua caracterização. Contudo, ressalto que a troca atribuída acima não se trata apenas de uma relação funcional, mas está relacionada ao que ela (troca) representa, como ressaltou Marcel Mauss (2003) as coisas trocadas permanecem com seus significados atribuídos, com seus usos realizados, carregadas de sentido e mana do dono originário. De acordo com Mauss, na lógica do sistema de trocas é preciso retribuir a alguém o que na realidade seria parcela de sua natureza e substância, pois ao aceitar alguma coisa de uma pessoa está se aceitando sua alma, essência espiritual, nesse caso, a troca vai além de um material, ela está centrada numa relação de reciprocidade.

Penso que a relação de proteção na Vila Mimosa está baseada em duas ações: a proteção relacionada a ação humana, plano material, com a presença de seguranças nas portas das casas e a que está ligada a uma ação do mundo sobrenatural. De acordo com Ana Paula Campos (2016) o nível sobrenatural escapa as explicações por “causas de natureza universal”. Ao tratar sobre a umbanda Patrícia Birman (1985) salienta que existe um nível de acontecimentos que não pode ser controlado e nem planejado pelos homens, nesse sentido é preciso buscar proteção e segurança onde haja margens para tal, ou seja, para tais acontecimentos fora de controle humano, busca-se no mundo sobrenatural a esfera de proteção. Acredito que os atores na Vila Mimosa se posiciona de maneira a buscar nessa rede de trocas simbolicamente a proteção. Tal elemento circula em nosso meio social de maneira diversa e podemos notar tal fato quando a partir de Sílvia percebemos como a relação Sílvia e carranca é estabelecida. Essa rede funciona por meio de uma lógica que envolve poder e prestígio, baseada em relações de reciprocidade, pois tais elementos (poder e prestígio) estão associados a competência dos símbolos de solucionar os problemas da casa (bar), das prostitutas e dos clientes.<sup>62</sup>

As lógicas explicativas simbólicas na Vila Mimosa também estão relacionadas ao campo econômico da região. Uma das imagens que conseguimos observar ao ir no balcão do Aconchego Bar é a Deusa da Fortuna, ela simboliza de maneira genérica a

---

<sup>62</sup> CAMPOS, Ana Paula de Souza. *Na encruzilhada do exu policial: religião, milícia e regimes de proteção na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro*. 2016, 120 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –PPGCS UFRRJ, Rio de Janeiro, 2016.

noção de riqueza e sucesso para os negócios, onde muitos que acreditam em sua eficácia tem consigo a ideia de que a imagem não é somente para ficar dentro de casa, ser admirada e fazer milhares de pedidos ligados a bens materiais. Na realidade, sua presença traduz a busca de bons fluidos em termos financeiros, generosidade e hospitalidade dentro de algum ambiente.



Figura 21: A deusa da fortuna – Aconchego Bar – Vila Mimosa

O simbolismo da Deusa da Fortuna está relacionado a uma significação que está atrelada a busca pelo sucesso no empreendimento comercial e na natureza da relação sujeito-objeto, onde os objetos tendem a servir aos propósitos e necessidades do homem. No entanto, há questões mais espirituais que materiais, tê-la (Deusa da Fortuna) em um ambiente representa um modo de encontrar paz de espírito e ajudar a outras pessoas, e nesse sentido o que se pode notar é que no bar de Sílvia os objetos possuem vida social, onde vivem em uma vasta e complexa rede de relações sociais que

desempenham funções mediadoras entre imagens e seres humanos. De certo, o Aconchego Bar representa múltiplas características, onde os objetos que compõem o estabelecimento fazem o papel dos atores humanos, como proteger. Na discussão sobre objeto e coisa, Tim Ingold (2012) ressalta que os objetos colocam-se para nós (humanos) como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. A coisa, no entanto, se apresenta com um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam, e sendo assim nós participamos na coisificação da coisa no mundo que mundifica.<sup>63</sup> Se seguirmos a interpretação de Ingold, a carranca e a caveira não são objetos e sim coisas, pois se apresentam e cruzam no mundo em que vivemos, de tal forma ao circularem elas (as coisas) são trazidas a vida. No estabelecimento de Sílvia outros símbolos são vistos com aspectos protecional da área, e conseqüentemente como coisas demonstrando um dinamismo e uma heterogeneidade de perspectivas e crenças no Aconchego Bar.

### **2.3 – A coruja como um modelo de proteção no Aconchego**

Criar medidas de proteção contra a maldade invisível é uma reação que visa projetar uma noção de lei e ordem em uma sociedade ou ambiente. Em locais de prostituição a presença de proxeneta, conhecidos como cafetões foi muito habitual durante os anos, o mesmo transparecia uma imagem de segurança e proteção aos males visíveis, como a violência física e desordem do espaço prostitucional, no entanto a figura dos proxenetes buscavam também garantir clientes para as mulheres agenciadas por ele e usava do poder de fogo caso houvesse algum fator que saísse do ditame do programa. Os cafetões lucravam em cima do trabalho das mulheres e de certa maneira representavam também um tipo de proteção ao serviço prostitucional, ao mesmo tempo que representavam uma força coercitiva ao trabalho da prostituta. Porém é sabido em termos constitucionais que tal prática configura-se em um crime, com as respectivas penas:

*Art. 230 – Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça:  
Pena – reclusão, de um a quatro anos, e multa.*

*§ 1º Se a vítima é menor de 18 (dezoito) e maior de 14 (catorze) anos ou se o crime é cometido por ascendente, padrasto, madrasta, irmão, enteado,*

---

<sup>63</sup> INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, p. 25-44, 2012.

cônjuge, companheiro, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima, ou por quem assumiu, por lei ou outra forma, obrigação de cuidado, proteção ou vigilância:

*Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.*

*§ 2º Se o crime é cometido mediante violência, grave ameaça, fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação da vontade da vítima:*

*Pena – reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos, sem prejuízo da pena correspondente à violência.*

Podemos notar que a prática de agenciar o trabalho da prostituta é ilegal por vias constitucionais, porém, nosso trabalho não pretende ressaltar o que está na ótica do legal e o que é ilegal, porém em termos de representações e como os cafetões se apresenta como uma figura de proteção e ordem para os locais de prostituição.

As crenças e superstições em sistemas devocionais presentes em muitas sociedades ganham uma funcionalidade de proteção. As ações e práticas de adoração e religiosidade possuem uma linguagem simbólica sobre determinado lugar e são acessíveis a todos que acreditam em sua eficácia. Sílvia, ao ornamentar seus estabelecimentos com seus símbolos emprega um aspecto orgânico na relação *prostituição e proteção*, onde seus utensílios protegem sua casa e as mulheres que trabalham no local, garantindo a estabilidade dos negócios e a segurança de todos. A crença na proteção compreende os agentes, atos, e representações envolvidos, como já ressaltara Marcel Mauss em seu esboço sobre a magia. Dessa forma, as ideias e crenças na proteção sobrenatural correspondem aos atos que não conseguimos entender pelo olhar humano, como já foi dito tais atos são eficazes em suas produções, nesse sentido ao observar o aconchego nos deparamos com outra imagem que demarca a importância dos símbolos para Sílvia no aspecto protetional, qual seja: a coruja.

Ao ver o símbolo da coruja no bar de Sílvia procurei entender qual a simbologia do animal e o porquê a proprietária do bar tinha colocado essa imagem ali. A coruja é um animal que simboliza a inteligência, sabedoria e conhecimento, sendo uma figura de representação a alguns cursos universitários como a pedagogia, filosofia e letras. Em crenças populares, o animal teria a capacidade de enxergar através da escuridão, o que possibilitaria ver o que outros animais não veriam, é importante que saibamos que em cada localidade, território ela possui uma significação diferente. As corujas são exímias caçadoras noturnas por sua aguçada visão e vôo silencioso, de maneira que elas acabam sendo por esse motivo um símbolo ligado aos guardiões o qual procuram manter a ordem no astral inferior. Em certo sentido, a coruja representa a ideia de vida e

se fizermos uma contraposição com a imagem da caveira que vimos acima, onde tal símbolo tem como materialidade a produção de um invisível, representando de certa forma a morte, as corujas, de acordo com algumas tradições populares, teria o poder de prever determinadas situações, assim como algumas clarividências, as mensagens das corujas podem ser trazidas através dos sonhos e meditação . No Aconchego Bar, a coruja está disposta de frente às mesas dos clientes. A peça é pequena, no entanto pesada e seus olhos são feitos de uma pedra esculpida em vidro. Concordo com Ingold (2012), ao tratar sobre as agências materiais , diz que os objetos tem na agência uma figura de linguagem, que foi imposta a nós pela estrutura de uma linguagem que exige de todo verbo de ação um sujeito nominal.<sup>64</sup>

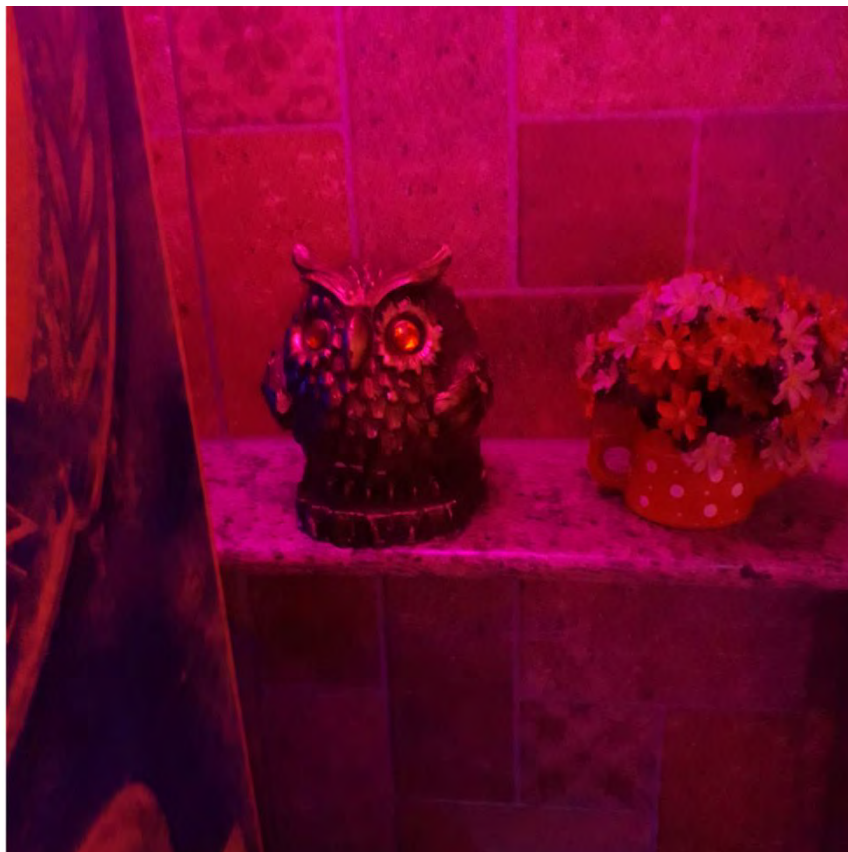


Figura 22: Aconchego Bar – Coruja

Ou seja, entendo que Ingold quer nos dizer que os objetos só possuem sua ação porque nós ressignificamos os mesmos de acordo com as nossas necessidades. O estudo sobre materialidades ajuda-nos a pensar a relação entre objetos, corpos e espaços nos

---

<sup>64</sup> INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, p. 25-44, 2012.

bares da Vila Mimosa. Nesse sentido, é revelador a importância dos objetos e espaços nos processos de produção sensível de diversas formas de autoconsciência individual e coletiva. Desvendar o papel dos símbolos na vida cotidiana de diferentes segmentos socioculturais, nos ajuda a descobrir o que nos tornamos e o que somos. As pesquisas atuais sobre materialidades nos mostram o quanto somos dependentes, enquanto coletividade e indivíduos, dos processos de produção, circulação, consumo e destruição de objetos materiais e espaços que usamos e frequentamos em nosso dia a dia.<sup>65</sup> Essa dependência não é apenas do ponto de vista utilitário; ou quando os consideramos emblemas de nossas identidades, mas sobretudo essa dependência está na medida em que neles (objetos e materialidades) reconhecemos seus poderes de agência, cujo efeito consiste precisamente na constituição sensível de nossas formas de autoconsciência, como é o caso da figura da coruja.

Como sugere Daniel Bitter (2013), as materialidades elucidam as coisas em movimento em seu contexto humano e social<sup>66</sup>. Por isso importa investigar como os elementos simbólicos se relacionam com os bares, como são classificados e reclassificados no espaço, além da sua disposição de organização nos bares<sup>67</sup>. Como ressalta Bitter (2013), sobre os objetos sagrados, eles podem se apresentar como fabricados diretamente pelos deuses e pelos espíritos, ou pelos homens sob indicação dos deuses ou dos espíritos, mas em qualquer caso os poderes neles presentes não foram fabricados pelos homens. São dons dos deuses ou dos ancestrais, dons de poderes presentes doravante no objeto<sup>68</sup>. Verifica-se com isso que os elementos que encontro na Vila Mimosa fazem relação entre o mundo visível e o invisível. Deixar a coruja disposta na frente das mesas dos clientes representa uma significação importante para o ambiente, pois todos que estiverem sentados ali estão sendo observados pelo animal que tem poder de clarividência e de informar sobre malefícios nos sonhos noturnos.

Acreditar que algo ou algum objeto pode provocar algum malefício faz com que se compartilhe a crença de que aquilo poderá ocasionar algum prejuízo e sendo assim a proteção sobre alguém/ou algum objeto se faz necessária. A eficácia na proteção por via religiosa perpassa na crença da própria proteção e baseado na interpretação de Claude

---

<sup>65</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro (orgs.). *A alma das coisas patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2013.

<sup>66</sup> BITTER, Daniel. Cultura popular em trânsito: *Circulação e estetização de práticas performativas e objetos rituais entre folias de reis*. In: REINHEIMER, Patricia e SANT'ANNA, Sabrina Parracho (orgs.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: Reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Ed. Folhas Secas, 2013. P. 173-192.

<sup>67</sup> *Ibidem*. p. 174.

<sup>68</sup> *Ibidem*. p. 176-177.



Levi-Strauss, podemos destacar que tal crença pode se apresentar sob três aspectos complementares: primeiro, a crença de Silvia na eficácia de suas técnicas para a proteção das prostitutas e de seu bar; depois, a dos funcionários do bar que acredita nos próprios objetos que garantiriam a segurança do estabelecimento; e, por fim, na confiança e nas exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o crença e aqueles que ele protege.<sup>69</sup> Levi Strauss nos diz que a eficácia simbólica garante a harmonia entre o mito e as operações, e juntos eles formam um par onde encontramos a dualidade proteção e bar.

A professora Renata de Castro Menezes faz uma leitura do texto de Arjun Appadurai, chamado “*a vida social das coisas*” muito interessante. De acordo com Renata, Appadurai indica que as coisas precisam ser consideradas em sua vida social, pois, nesta trajetória, classificações e significados distintos podem ser atribuídos, reconfigurando-as, e simultaneamente, constituindo ou explicitando domínios sociais e hierarquias de valores. Os processos de reclassificação seriam processos de resignificação, de atribuição de qualidades sancionadas cultural e socialmente o que permitiria acesso a categorias morais e cognitivas que são postas em operação.

Pierre Bourdieu (2015), no entanto, afirma em seu texto “a produção da crença” que o princípio da eficácia de todos os atos de consagração e legitimação está na energia acumulada na história de cada campo, assim o autor ressalta a importância da dinâmica no funcionamento de uma parte do espaço social, bem como as relações entre seus agentes, suas instâncias de pertencimento e tomadas de posição.<sup>70</sup> Acredito que, de certa forma, os símbolos possuem uma materialidade que gira em torno dessa relação entre agentes, pertencimento e posicionamento, mas também está imbricado na relação de reciprocidade, entre aquele que acredita (pessoa) e o objeto a quem se acredita alguma coisa, nesse sentido quando se acredita em algo busca-se com isso algum benefício, como o da proteção que vimos acima.

Certo é que a relação entre antropólogos e nativos é estabelecida através de sentidos dados por aqueles que estamos estudando. Segundo Viveiros de Castro, “o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele

---

<sup>69</sup> LEVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2012. P.239

<sup>70</sup> BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2015

conhece, e a causa de uma transformação na constituição relacional de ambos.” (CASTRO apud CUNHA: 2005). Olivia Maria Gomes da Cunha nos disse em seu texto, “Do ponto de vista de quem?”, publicado em 2005, que ver imagens e ouvir vozes, e a partir disso produzir narrativas criam encontros etnográficos, além de evocarem relações e produções de conhecimento. Dar sentido ao que vemos é atribuir um valor a isso, algo subjetivo que passamos para uma realidade concreta cujo o intuito é gerar uma relação de lógica ao que se fala. Tenho a noção de que escrever um texto, seja ele para onde for, assim como ter a crença em algo sinaliza uma forma particular de consumir temporalidades distintas em um momento diferente. O ato de acreditar em algo, inspira a pensarmos em uma análise e reflexão sobre um fator importante da crença, a noção da *devoção*. Noto que esse ponto é sensível e muito relevante pois contribui para pensarmos na relação que é estabelecida entre os santos e Sílvia, além de contribuir para a reflexão sobre quais as dinâmicas sociais estão imbricadas nesse vínculo que permitem vermos o ideal devocional na Vila Mimosa. Sobre isso analisaremos no terceiro capítulo deste trabalho.

### Capítulo 3. “Territórios dos Santos”: imagens e devoção na Vila Mimosa<sup>71</sup>

A Vila Mimosa é um espaço que revela algumas experiências urbanas da cidade do Rio de Janeiro. Composta por diferentes grupos sociais, as ações do estado excluíram durante algum tempo, os indivíduos da localidade com os processos de mudanças territoriais e a criação de estereótipos ligados a marginalidade. As tensões e relações de poder que baseiam a compreensão do espaço da Vila Mimosa, é composta por um sistema de significados onde a cada quadrado de estabelecimento na área, nota-se uma estrutura social de inteligibilidade inseridas nas práticas negociadas e realizadas entre os clientes e prostitutas, e também comerciantes. Ao mesmo tempo a Vila Mimosa proporciona um misto de sensações, onde não sei exatamente se elas tendem a estarem propensas em noções de senso comum, que em certo sentido produzem inúmeras imagens da região, mas todavia existe um amplo repertório cultural na rua Sotero dos Reis que passa despercebido pelos frequentadores da região. Olhar sobre os espaços da Vila Mimosa podem representar um caos à primeira vista, com muito barulho, falta de espaço para se movimentar, sujeiras nas calçadas e ruas, imagens para todos os lados e inúmeras relações das prostitutas com os clientes, porém toda a desordem espacial que é observada, possui uma relação simétrica e organizativa no espaço territorial da Vila Mimosa. As interpretações das informações dependem dos sujeitos que é determinado e determinante pelos valores culturais. Como destaca Joseli Maria Silva, os seres humanos são os agentes de mudança social e espacial. (SILVA: 2008)

Stanley Tambiah (1991) ressaltou, de maneira importante, que a maneira ocidental de entender outras culturas está relacionada a tradução que produzimos delas, em seu texto *Magic, science and religion in Western thought*, o autor chama atenção para a ordem de seu pensamento, onde procura mostrar a importância de compreendermos as concepções religiosas, levando em consideração as trajetórias e vicissitudes do pensamento ocidental. De fato, isso é relevante à medida que cria novas possibilidades de pensarmos sobre o tema. Por exemplo, uma epistemologia sobre a devoção no campo da Vila Mimosa gera uma análise macro sobre as relações de interação, reciprocidade e a busca pela graça de alguma maneira.

---

<sup>71</sup> Esse capítulo nasceu como fruto de reflexões geradas na disciplina do Museu Nacional – Antropologia dos Objetos, ministrada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Castro de Menezes. Agradeço pela oportunidade e por toda contribuição e debates produzidos ao longo do semestre.

Busco nesse capítulo mostrar como os vínculos devocionais na Vila Mimosa se estabelecem ao ponto de garantir novas dinâmicas na região que são relacionadas a algum caráter de proteção, isto é, procuro aqui compreender quais as relações são produzidas entre os bares e as ações devocionais no espaço. É desafiador a busca por criar um conhecimento inédito sobre a relação da devoção na Vila Mimosa, de maneira que contribua para o enriquecimento dos debates teóricos-metodológicos sem se limitar com descrições e repetições de modelos existentes. Vimos no capítulo anterior como os símbolos possuem vida e ressignificam as ações dos homens em determinado ambiente. O local é um espaço baseado em performances que constituem em certo sentido, a identificação do lugar e as tensões limítrofes entre o dualismo moral e imoral.

Sílvia, a proprietária do aconchego bar é uma pessoa significativa para esta pesquisa, seus símbolos, altares e santos demonstram um vínculo direto entre ela e a esfera do religioso. Tais vínculos são originados por alguma situação-problema que foi vivida em algum momento por ela, e nesse sentido criou-se entre ela e os santos um voto relacional entre pessoa e o santo, que podemos aqui circunscrever como devoção. A devoção é caracterizada pelo caráter popular e pela não institucionalização da fé, onde prevalece a fé individual e a relação de fidelidade entre o devoto e a divindade. Na prática devocional, há um sistema de bens simbólicos, como a doação de devoto, caracterizando o pagamento de uma promessa feita ao santo, que pode ser compreendida por um milagre ou graça alcançada.<sup>72</sup> Entendo que a relação da devoção perpassa pela crença em algo, e nos bares de Sílvia tal relação é estabelecida pelas imagens, símbolos religiosos e totens, como carranca, presente no espaço. Na próxima seção, busco mostrar como é desenvolvida a relação de Sílvia com os santos na Vila Mimosa, além de relacionar a sua importância nesse espaço.

### **3.1 – O território dos santos na Vila Mimosa: sobre bares e altares**

A presença dos santos na Vila Mimosa denota uma parte importante da relação entre as pessoas e o território, qual seja: a existência de uma dinâmica religiosa forte no espaço da Vila Mimosa. Nesse sentido, saber disso ajuda abrir um leque de

---

<sup>72</sup> TEIXEIRA, Leônia Cavalcanti; CAVALCANTE, Maitê Mota; BARREIRA, Karine Sindeaux; AGUIAR, Aline Costa de. Figurações do corpo nos ex-votos: a devoção entre a psicanálise e antropologia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, nº 1, p. 283-301, 2010.

possibilidades de estudo, que não encerra o debate e nem se estabelece como algo surpreendente, já que o religioso está presente em muitos campos do social, mas demonstra a ação dos símbolos e santos fora de um espaço religioso institucional. Talvez, seja relevante pensar e refletir sobre o significado da ação devocional nos bares da Vila Mimosa e nesse sentido vimos analisar o forte caráter ligado a busca por uma ideia de proteção vinculada ao universo do sobrenatural. O aspecto da devoção associado a busca por um caráter de proteção no campo prostitucional da Vila Mimosa é simétrico, a medida que cumpre a função de tratar nos mesmos termos as agências estabelecidas entre os devotos (pessoas) com os santos, isto é, os devotados.

Na imagem abaixo, fotografada da principal casa de Sílvia, o *aconchego bar*, podemos observar a presença de um altar com dois copos de água inseridos com dois olhos de boi<sup>73</sup>; uma imagem de São Judas Tadeu, em menor escala, ao lado esquerdo; Nossa Senhora das Graças, ao centro e a direita a figura de São Jorge. As relações com o mundo sobrenatural constituem uma expressão dada pelo modo de conhecimento, impressão mais intuitiva, interferência e raciocínio do indivíduo em decorrência de alguma crise espiritual ou ação vivida, em si elas possuem uma eficácia simbólica, como ressaltou Levi-Strauss. Ao utilizar da perspectiva de Levi-Strauss (2012), noto que a devoção não parte de uma realidade objetiva, mas está associada ao indivíduo que crê, sendo ele (indivíduo) membro presente de uma sociedade que também possui a crença em algo. Espíritos protetores e espíritos maléficos fazem parte de um sistema fundante sobre o ambiente que é composto a Vila Mimosa, a ideia do sagrado e do profano estabelecem limites tênues na configuração do lugar (Vila Mimosa). Sílvia, ao meu ver, nunca duvidou da existência de tais espíritos e por isso ela preenche os espaços de seus estabelecimentos com imagens relacionadas ao mundo sobrenatural.

---

<sup>73</sup> Olho de boi é uma referência a semente de mucunã geralmente composta pela cor castanha, subglobosas, quase planas do lado oposto ao hilo linear e frequentemente preto, duras e vernicosas; é usada também como amuleto contra inveja e mau-olhado, além da confecção de guias.



Figura 23 : Aconchego Bar

O devoto, busca de alguma maneira um vínculo que se estenda para além de contextos de celebração, como as missas ou cultos afro, de certa maneira, ele (devoto) procura uma relação onde possa fazer parte da vida do santo e sob a proteção do mesmo, adquirir algumas características de invencibilidade e que se pareça com seu protetor.<sup>74</sup> A relação com o santo não está baseada apenas na ação utilitária e racional, ela envolve ações mais complexas que a tríade (promessa-graça-devoção), segundo Renata de Castro Menezes (2006) nem todos os pedidos são promessas: a promessa seria algo parecido com um tipo específico de pedido que “é pago”, como forma de retribuição, enquanto que os demais pedidos “são agradecidos” ao santo.

A noção da devoção tem uma carga simbólica, que acaba por se constituir em uma linguagem, por meio de operações concretas e ritos que atravessam a barreira da consciência sem nenhum tipo de obstáculo, para enfim levar a mensagem devocional

---

<sup>74</sup> ARRUDA, Bianca. *As Sagas de Jorge: Festa, Devoção e Simbolismo*. 2008, 132 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) PPGAS – MUSEU NACIONAL UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

diretamente ao inconsciente.<sup>75</sup> Como ressaltou Levi Strauss (2012) é a eficácia simbólica que garante a harmonia entre os mitos e as operações. O mito, recriado quer pelo sujeito ou pela tradição, tira das suas fontes, individual ou coletiva, o material de imagens com que opera, e nesse sentido percebe-se que a forma mítica age sobre o conteúdo do que é relatado.<sup>76</sup> Assim, a função simbólica da devoção vai sendo construída, buscando estabelecer a relação do santo com o devoto, portanto tal elemento (devoção) é chave para entendermos a relação com os santos da Vila Mimosa, segundo Renata de Castro (2006) a devoção pode ser compreendida como um vínculo duradouro e permanente que pode se estender pela vida afora, envolvendo a fidelidade, mas não a exclusividade, ainda marcada pela amizade, a fé, a confiança, a gratidão e reconhecimento. Cada devoto possui uma relação conectiva particular com o seu santo de devoção.

Inúmeras são as chaves explicativas para o altar com a presença de santos e rituais em frente ao caixa da casa Aconchego Bar. A experiência religiosa cria categorias que fundam uma explicação de mundo em um determinado espaço. À exemplo, o altar visto na imagem acima constitui um espaço sagrado, a medida que articula a comunicação com o santo com a consagração de um território. Situar os altares em alguns pontos da Vila Mimosa, assim como organizá-lo e habitá-lo pressupõe uma escolha que visa a estabilidade do local, pois ao colocar os santos nos pontos mais altos e acima do balcão de entrada efetua-se uma ideia de que tais símbolos estão a olhar o local.

Outros elementos também são observados no Aconchego Bar, à saber, a semente de Mucunã, popularmente conhecida como olho de boi, que está na imagem acima é caracterizada como um elemento poderoso na busca de proteção contra mau olhado. Esse amuleto é usado para evitar negatividades na casa de quem o possui. De outro lado, temos São Judas Tadeu, de quem Sílvia é grande devota, incluindo uma tatuagem em homenagem ao santo, padroeiro das causas impossíveis. Sílvia tornou-se devota após uma cirurgia muito difícil em sua vida, a qual ela não quis entrar em assunto, mas “soltou o assunto” em um determinado momento da conversa. No outro lado do altar temos a imagem de São Jorge, mais conhecido como o Santo Guerreiro, representante da coragem e resistência na luta contra o mal. Soma-se a isso, inúmeras resistências

---

<sup>75</sup> LEVI-STRAUSS, Claude. *A eficácia simbólica*. In: LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2012. P. 265-291

<sup>76</sup> *Ibidem*. p. 291

contra a maldade invisível. As biografias de um santo ou símbolos religiosos podem destacar uma possível potencialização das virtudes dos mesmos (santos e símbolos). As narrativas dos milagres e graças que são concedidas por eles contribuem para tal eficácia, pois passam a consistir em operações que tornam compreensíveis as ações do santo na vida dos devotos.<sup>77</sup> Todas as crenças acima exprimem um sentimento, com base profundamente religiosa, e nota-se que o indivíduo religioso precisa viver em um ambiente organizado, que por algum aspecto esteja ligado a uma agência da religião. Assim, formam-se no contexto social do indivíduo ações que levam a prática da devoção.

Como ressaltou Bianca Arruda (2008) as complexas relações entre símbolo, campo semântico, contexto e apropriação simbólica estão em processo e são manipuladas criativamente pelos devotos. A exemplo como ressaltou Arruda (2008), a devoção diferentemente da promessa não exige do devoto a privação de abdicar-se de algo para alcançar a graça desejada, ela pode ocorrer da maneira que for mais conveniente para o devoto.

Ao ver a imagem de São Jorge na Vila Mimosa a demarco como uma projeção muito representativa, pois o santo é visto por muitos fiéis como um grande protetor e interventor celestial para as graças pedidas. De acordo com Bianca Arruda (2008) São Jorge tem uma aparente tendência para agir em casos de proteção a assalto, roubos, rixas ou outras situações onde o fiel é a vítima da violência. Na Vila Mimosa, São Jorge é um agente onde garante que a permissividade do ambiente seja controlada pela esfera do mundo invisível, ou seja, enquanto os seguranças da Vila Mimosa estabelecem no plano humano a proteção dos bares, defendendo-o de ações violentas e clientes malfazejos, a imagem de São Jorge busca proteger os espaços no plano espiritual de ações maléficas que podem criar uma instabilidade e desorganização dos negócios e da vida social do local. A devoção a São Jorge é repleta de representações e práticas que visam manter a ordem do espaço, associada a um plano espiritual, onde o santo exprime uma cosmovisão que interpreta o mundo como palco de luta entre as forças maniqueístas do Bem e do Mal.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> ARRUDA, Bianca. *As Sagas de Jorge: Festa, Devoção e Simbolismo*. 2008,132 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) PPGAS – MUSEU NACIONAL UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>78</sup> ARRUDA, Bianca. *As Sagas de Jorge: Festa, Devoção e Simbolismo*. 2008,132 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) PPGAS – MUSEU NACIONAL UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.



Outras imagens religiosas também constituem o repertório devocional de Sílvia. À exemplo, Nossa Senhora das Cabeças, está presente na casa de número 13, e na crença da dona do estabelecimento refere-se a proteção do cérebro, da inteligência e bem como podemos acrescentar da sabedoria e da justiça. Rodrigo Toniol (2015) nos atenta para a formação das materialidades das coisas, que em sua concepção, não está definida pela superfície dos objetos, mas pelos fluxos que as atravessa. Quando observamos a imagem de Nossa Senhora das Cabeças podemos destacar a importância de seguir os fluxos de materialidade que se reúnem nela e considerá-las na característica de não-objeto: afeitos à variação e refratários à fixidez. Assim, trata-se de entender, afinal, não pelo que ela é, mas pelo que ela pode ser.



Figura 24: Imagem de Nossa Senhora das Cabeças, na casa de número 13, da Vila Mimosa.

Sílvia também é devota de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, presente na casa 63, que fica do outro lado da entrada da Vila Mimosa. No imaginário religioso, a santa tem como representação a saída das dificuldades e adversidades na vida das pessoas, segundo Sílvia a oração da santa é muito poderosa. Como diz Renata de Castro Menezes (2013) a dimensão dos rituais de devoção permitem (re)articular princípios relacionados a reciprocidade, relações interreligiosas e formas de sociabilidade urbana,

marcadas por clivagens de classe, moradia, gênero e geração.<sup>79</sup> Além disso, ela combina formas materiais com um conjunto de práticas, valores e intencionalidades que constituem a devoção.



Figura 25: Imagem de Nossa Senhora Desatadora de Nós, na casa de número 63, na Vila Mimosa

Ao tratarmos da relação com os santos católicos, notou-se, com efeito que o conceito de devoção permite compreender quais as dinâmicas e vínculos são estabelecidos por Sílvia para com seus santos protetores. Tal conceito é complexo e usá-lo de modo rotineiro pode banalizar a sua significação e atuação no campo prático, por isso contextualizar tal termo nos possibilita caminhar por fundamentos que relacionam o que poderá ser devocional e o que não será. Concordo com Renata de Castro Menezes (2013) que a devoção assume especificidades que permite localizarmos um vínculo

---

<sup>79</sup> MENEZES, Renata de Castro. *Doces santos: reciprocidade, relações interreligiosas e fluxos urbanos em torno à devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro*. Projeto de Pesquisa – Edital JCNE. Rio de Janeiro, 2013.

duradouro e permanente de uma pessoa com um santo, como a fidelidade a ele, marcada pela amizade, fé, confiança, gratidão e reconhecimento<sup>80</sup>.

Por outro lado, o ato da devoção não envolveria somente a eficácia do santo, mas o processo de registro de classificação que atua como ordenador da própria vida atribuindo-lhe significado, ou seja, ela (devoção) se expressa na forma como se fala com santo e a forma pela qual fala, como cantos, orações e ladainhas e preces. A dimensão operativa da devoção, marca sua capacidade de articular grupos, demarcar fronteiras, estabelecer etiquetas e hierarquias sociais, como também construir pessoas morais. Por outro lado, ela (devoção) envolve objetos, materialidades, recursos, o volume de pessoas e coisas que se coloca em movimento, os circuitos que gera as cadeias de comércio e solidariedade que, a partir de doadores-receptores, é posta em circulação.<sup>81</sup> Essa abordagem deve levar em consideração elementos relativizadores, onde se amplia as condições sociais de liberdade individual, fazendo com que as pessoas procurem respostas individuais para além das próprias religiões institucionais, sobretudo nos meios urbanos. Seguindo de acordo com a base de uma leitura maussiana os meios sociais, formados por instituições gerais da sociedade, assim como instituições religiosas, encontram elementos coerentes para se investigar o que determina a prece e suas manifestações. A prece está relacionada a um fenômeno religioso, porém são nas instituições sociais que os “motores” religiosos produziram modificações que se perpetuam por intermédio dos atos de religião e devoção.<sup>82</sup>

A prece, assim como a devoção, pode ser considerada um rito, pois engloba propriedades e a eficácia de um rito religioso. Na lógica maussiana, a prece constituiria um fato social total que, mesmo sendo parte de um ritual religioso, é capaz de desenvolver e integrar todo um sistema dos ritos religiosos e, “elevar-se” à categoria de instituição social específica e determinante para uma compreensão “científica” das sociedades.<sup>83</sup> Sem dúvida Marcel Mauss tem uma grande contribuição para essa pesquisa, pois ele demonstrou que o valor das coisas e objetos não são superiores ao

---

<sup>80</sup> MENEZES, Renata de Castro. *Reflexões sobre a imagem sagrada a partir do “Cristo de Borja”*. In: REINHEIMER, Patricia e SANT’ANNA, Sabrina Parracho (org.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: Reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Ed. Folhas Secas, 2013. P. 235-263

<sup>81</sup> MENEZES, Renata de Castro. *Doces santos: reciprocidade, relações interreligiosas e fluxos urbanos em torno à devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro*. Projeto de Pesquisa – Edital JCNE. Rio de Janeiro, 2013.

<sup>82</sup> MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de; SILVA, Marcos de Araújo. Revisitando aproximações entre o dom e a prece em Mauss a partir de referenciais cariocas. *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*, nº 6, 2012, p. 215-230.

<sup>83</sup> *Ibidem*. p.219

valor da relação em que as coisas estão inseridas, e nesse sentido o simbolismo passa a ter uma importância fundamental para a vida social. Assim, a constituição de vínculos e alianças entre os seres humanos e os objetos formam relações presentes até o momento atual.

A perspectiva da devoção na Vila Mimosa mostra que ser devoto é buscar algo que está em uma esfera inalcançável pelos indivíduos, dessa forma o fenômeno (devoção) fica engendrado por meio de um *continuum* de inter-relações motivadas pela circulação do “espírito da coisa dada”. Assim como Mauss que compreendeu que a vida social é baseada em um sistema de prestações e contraprestações, a devoção também está inserida nessa relação recíproca entre os indivíduos. Esse sistema não é absoluto na medida que os membros da coletividade possuem certa liberdade para entrar e sair no sistema de obrigações.

A associação entre o devoto (pessoa) e o devotado (santos e elementos simbólicos religiosos) está cruzada através de dois níveis relacionais: assimétricos e simétricos. Ora, os pedidos e crenças aos santos ou qualquer símbolo religioso adquirem pesos diferentes, o devoto a São Jorge quando faz um pedido ao santo acredita na eficácia de que será atendido por ter uma aproximação com o mesmo, caso tal devoto fosse realizar um pedido a um outro santo, tal pedido poderia não ser atendido e o mesmo (devoto) iria culpar o fato de não ter uma relação próxima com o santo. Mauss dizia que a identificação do objeto com o possuidor e o peso social deste objeto faz com que em nosso costume também se misturem “as pessoas e as coisas”.

De certo, o contexto da devoção marca uma relação de reciprocidade entre pessoas e coisas, tais marcas podem estar expostas através de várias ações, como acender velas, criação de altares, preces, rezas e tatuagens. Na Vila Mimosa, Silvia demarcou sua relação com os santos através de altares, estátuas, pinturas e tatuagens. A prática de fazer tatuagens com imagens religiosas demarca uma nova maneira de externar a crença e devoção de um fiel. A marca no corpo, nos espaços físicos como bares e boates, algum tempo, assim como as técnicas corporais são pesquisadas e tem sido um tema presente nos trabalhos acadêmicos. Ao criar uma demarcação com os santos e os elementos simbólicos devocionais em seu corpo, Sílvia abre um caminho que possibilita pensarmos em um contexto, onde as tatuagens não só demarcam papéis de gênero, mas são um agente catalizador entre santo e devoto e sobre isso veremos nas páginas que se seguem, buscando refletir e analisar a aplicabilidade sobre a devoção nos corpos.

### 3.2 – As tatuagens e a relação da devoção na Vila Mimosa: o caso de Sílvia.



Figura 26: Devotos com tatuagens de São Judas Tadeu, padroeiro das causas impossíveis

Sílvia é uma mulher que aparenta ter seus 50 anos e já trabalha na Vila Mimosa a 30 anos, como dona de bar. Sua história é belíssima e rica de informações. Em nossas conversas, algo que não foi tão simples, devido as demandas profissionais tanto dela quanto as minhas ela, me contou que havia sido motociclista e já percorreu muitos lugares de moto. Hoje, Sílvia é casada e confessou que seu marido tem um pouco de ciúme da atividade que exerce atualmente. Ao total são três estabelecimentos chefiados por Sílvia na Vila Mimosa, cada um tem sua característica. A casa 07, conhecida pelo nome Aconchego Bar, nota-se além do serviço de bebidas, há também o serviço de prostituição, na casa 013, o local está voltado mais para lanches e bebidas, na casa 63 que fica do outro lado da rua há um serviço voltado para almoço, lanches e bebidas. Como a prostituição não é fixa em um só lugar, as prostitutas podem caminhar entre os bares, fazendo com que todos os bares em certo sentido tenha o serviço prostitucional. Sílvia tem em seus bares altares com santos que denotam uma expressão de crença nos mesmos, ao mesmo tempo ela também expressa sua crença e devoção em seu corpo, à exemplo Sílvia tem algumas tatuagens bem características em seu braço, como a

imagem de La Catrina e São Judas Tadeu. A imagem de São Judas Tadeu remete a uma fase de Sílvia muito complicada, a qual ela teve que passar por uma cirurgia delicada, segundo ela o santo é protetor das causas impossíveis e então ela pediu proteção a ele, ao final tudo ocorreu bem e Sílvia para homenageá-lo decidiu colocar a imagem em seu braço.

A história da tatuagem perpassa por um longo contexto histórico, onde desde a muito tempo os homens em vários momentos da história marcavam seus corpos, com pinturas, escarnificações, maquiagens e até mesmo tatuagens, com significados amplos e variados. Como foi ressaltado por Débora Leitão (2000) as artes corporais contemporânea não são fenômenos originais.

Em um breve histórico sobre as tatuagens nota-se que o homem de gelo, de 5.300 a.C., possuía seu corpo marcado com pinturas na região lombar, joelho esquerdo e tornozelo direito, no antigo Egito as múmias também tinham marcas em seus corpos, como foi o caso da princesa Amuet, da XI dinastia, com desenhos associados a ritos de fertilidade. O pai da História, Heródoto, relata que citas, trácios e tebanos eram marcados também com escarnificações e desenhos cicatriciais pigmentados. Talvez seja arriscado considerar tal ideia a povos passados, mas ao pensar na ação de tatuar um corpo podemos refletir sobre qual sentido se quer criar com tais marcas, o que se objetiva com essa prática, pois como ressaltou Leitão (2000) ao se marcar um corpo, os habitantes do mundo urbano visam situar um *ethos* e *habitus* que estetizam o viver e um indivíduo ou de um grupo.

As primeiras viagens marítimas conseguem trazer maiores informações sobre as tatuagens. O viajante Marco Polo escreve em suas descrições sobre a Ásia do século XIII, o colorido das tatuagens no continente asiático,<sup>84</sup> Cristovão Colombo e Américo Vespúcio também escrevem sobre a pintura corporal<sup>85</sup> nas sociedades americanas. No século XVIII, o capitão James Cook, em uma expedição pelo Taiti descobriu a tatuagem, essa viagem teve uma grande significação, pois foi graças a Cook que a palavra tatuagem (tattoo) entrou para a língua inglesa, através de uma adaptação linguística para as palavras taitianas e samoanas “tatah” e “tah-tah-tow”, que possuía o sentido de marcar o corpo. Assim, dessa forma ocorre o que Débora Leitão chamou de a

---

<sup>84</sup> LEITÃO, Débora Krischke; ECKERT, Cornelia. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Revista Iluminuras*, v.5, n° 10, p. 01-37, 2004.

<sup>85</sup> As pinturas corporais não necessariamente representam as significações e conotações de uma tatuagem.

primeira grande “revolução” da tatuagem no mundo.<sup>86</sup> No século XX, a tatuagem era um símbolo de classes marginais, marinheiros, artistas de circo e de mulheres que enfeitavam sua pele nos anos 40 e 50. A década de 1960 e 1970 marcou a introdução da tatuagem no universo da contracultura da indústria do pop. De acordo com Débora Leitão (2004), o movimento pacifista dos hippies e a cultura Rock’n’Roll foram produtivos para quem queria tatuar o corpo.

No Brasil a tatuagem tem um contexto histórico bem interessante, seu início remonta ao século XIX com os marinheiros da Inglaterra e norte-americanos nas cidades portuárias. Transferida como uma nova moda, a tatuagem vai sendo passada entre marinheiros e prostitutas, nas cidades. Chamava atenção no Rio de Janeiro, que a polícia via a expansão das tatuagens associada a expansão da marginalidade e criminalidade, e no início do século XX, tal marca (tatuagem) era considerada uma das provas de culpabilidade de um acusado. Nos anos de 1970, a prática de tatuar o corpo deixa de estar localizada em um mundo marginal e passa a virar mania entre os jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro, com a chamada “juventude dourada”. Tais marcas podem ser vista com mais frequência nas praias do Rio, no corpo exposto e bronzeado dos “tatuados de Ipanema”, uma geração marcada pelo estilo de vida ligado à natureza, ao uso de drogas leves e ao surfe. (LEITÃO:2004)

A década de 1980, como ressaltou Débora Leitão (2004), marca a profissionalização dos tatuadores no Brasil. A primeira loja moderna de tatuagem, ficava estabelecida na zona sul em uma galeria da rua Visconde de Pirajá, em Ipanema, onde tal empreendimento pertencia a uma mulher, chamada Ana Velho, conhecida por ser a primeira tatuadora do país. Pensar na tatuagem como objeto de análise e reflexão da antropologia torna-se possível se a noção de corpo for percebida como um fenômeno histórico e cultural. De acordo com Leitão (2004), o homem e seu corpo fazem parte de uma realidade palpável e essa concretude imposta por vezes como barreiras marcam a sua relativização. O corpo é vivido e pensado de diferentes maneiras, cada forma particular de “habitar” um corpo, os usos dados a este corpo no mundo, o próprio corpo enquanto ente, enquanto matéria, reconstrói esse tempo e esse espaço.<sup>87</sup> A análise do corpo permite abrir um leque de possibilidades entre os sujeitos, seus corpos e o mundo.

---

<sup>86</sup> Ver exemplarmente: LEITÃO, Débora Krischke; ECKERT, Cornelia. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Revista Iluminuras*, v.5, nº 10, p. 01-37, 2004.

<sup>87</sup> LEITÃO, Débora Krischke; ECKERT, Cornelia. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Revista Iluminuras*, v.5, nº 10, p. 01-37, 2004.

Michel Foucault, em *a ordem do discurso*, dizia que toda produção de um discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que tem por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório e esquivar sua materialidade. Segundo destaque do autor nossa sociedade tem procedimentos de exclusão, onde por exemplo não temos o direito de dizer tudo, em qualquer circunstância, o que temos são interdições que formam uma grade complexa que não para de se modificar.<sup>88</sup> Ainda de acordo com Foucault, alguns assuntos possuem buracos na ação do discurso, como sexualidade, acrescento também os debates sobre tatuagem, que crescem no cenário acadêmico brasileiro, porém possui lacunas que podem ser preenchidas com o crescimento dessa temática.

Creio que ao pensar as tatuagens, podemos refletir sobre a relação que este elemento possui com a lógica da devoção. Esse vínculo devocional perpassa por refletirmos sobre muitos fatores que compõe o significado do termo devoção, e nesse sentido as atitudes devocionais estão relacionadas a comportamentos e ações, onde muitas pessoas traçam seu ato de fervor religioso a um santo através de marcas em seu corpo em forma de tatuagem. A noção de corpo também não é dada e simplória, sua relatividade compõe parte do sistema em que baseia-se as redes de devoção na Vila Mimosa. De acordo com Débora Leitão (2004), a noção de corpo vem sendo apreendida como fenômeno não apenas natural, mas histórico e social, sendo assim as formas de caminhar, nadar, comer, higiene e parir devem ser compreendidas como parte de um *habitus*, na linguagem maussiana, que configura os múltiplos elementos da arte de utilizar o corpo.

A tatuagem contemporânea esteve vinculada, no ocidente, a ideia de marginalidade econômica e social, como nos corpos de marinheiros, prostitutas e criminosos, como já assinalou Leitão (2004). No entanto, concordo com a autora que procura mostrar a natureza das tatuagens como uma forma de modificação na aparência, que marca e expressa a identidade e os papéis de gênero, classe, grupo etário, estilo de vida e grupo de pertencimento e nesse sentido o corpo individualizado, visto como algo sagrado, auto-suficiente também passa a ser percebido como algo flexível, passível de modificações e transformações, de acordo com as vontades individuais.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

<sup>89</sup> LEITÃO, Débora Krischke. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Ideias*, nº 16, p. 01-22, 2004.



Assim Débora Leitão refere-se sobre a mudança no significado da tatuagem contemporânea, destacando que a mesma perdeu sinais transgressivos e passou a incorporar possibilidades estéticas socialmente aceitas, perante alguns grupos sociais. Sílvia, nosso caso de estudo por exemplo, não fazia o uso da tatuagem como um padrão de transgressão as normas socialmente estabelecidas, a imagem de símbolos religiosos, caracterizados por alguma essência de crença e devoção, demonstra uma ressignificação da tatuagem nos tempos atuais. Uma das imagens que chama atenção em seu corpo é a figura da mulher La Catrina, representação da cultura popular mexicana, que está presente em uma das festas mais conhecidas do México, o dia dos mortos. Catrina é um personagem caracterizado por um esqueleto, e em uma das explicações sobre tal imagem diz-se que Catrina é uma “personalidade travessa, espirituosa, simpática e sensual que nos convida a viver plenamente cada momento e através das grandes e pequenas artes encontrar o sentido da vida.”<sup>90</sup>

A arte da tatuagem de La Catrina é uma mulher com uma maquiagem inspirada pelos crânios do açúcar utilizados durante o dia dos mortos. La Catrina pode ser inspirado pela fotografia de uma modelo, uma atriz ou um parente. É por isso que as tatuagens La Catrina são também chamados de crânio do açúcar, menina tatuagens. A partir do termo "catrin", referindo-se a uma pessoa elegante, os personagens e tatuagens La Catrina são, de acordo com a expressão em latim, *memento mori satírica*, ou seja "lembrar que você é mortal". Tal expressão é dirigida às pessoas ricas, com alto poder aquisitivo que podem se vestir com as roupas mais luxuosos e as jóias mais caras, no entanto o elemento da morte mostra que todos somos iguais independente do que adquirimos nesse plano.

O clássico La Catrina foi representado durante certo tempo com um grande chapéu, porém, posteriormente foi misturado com outro personagem do dia dos mortos no México, a Santa Muerte, a Virgin com um corpo de esqueleto. A arte da tatuagem e a incorporação de vestidos no Dia das Bruxas também contribuíram para deixar mais sexy a representação de La Catrina, acrescenta-se a isso a ideia de que estas mulheres soberbas e jovens serão envelhecidas e mortas algum dia, e assim toda a ideia de beleza seria passageira.

---

<sup>90</sup> <http://www.depoisdecasada.com.br/2013/11/la-catrina-mexicana-origem-e-significado.html>. Acessado em: 12 de julho de 2018.



Figura 27: Imagem de La Catrina. <https://aviaescarlade.blogspot.com/2017/10/santa-muerte-e-la-catrina-entenda.html>. Acessado em 12 de julho de 2018

Sílvia, tem a imagem de La Catrina tatuada em seu braço e, através dela, manifesta a autonomia do seu corpo, revelando de certa forma, a subjetividade de sua crença. Em toda a Vila Mimosa, pude observar que muitas prostitutas possuem tatuagens. Os gostos estéticos e peculiaridades de cada desenho representam um controle individual sobre cada corpo. Além disso as características de cada desenho serve como um instrumento para a sedução de muitas prostitutas, devido ao local onde elas (tatuagens) estão situadas. Segundo Débora Leitão (2004), o uso da tatuagem na sedução, torna-se mais eficaz ao seguir a lógica do “mostrar e esconder”. Nas palavras de Leitão “ela age como catalisador do desejo e, como no jogo de cartas, é percebida como a jogada certa, capaz de suscitar, no parceiro, a reação esperada.” (LEITÃO: 2004, p.6)

A tatuagem surge como uma representação externa do “eu”, tanto a subjetividade quanto a interioridade do sujeito que estão expressadas pelo desenho na pele. Por isso ao ver Sílvia com suas tatuagens, concordo com Leitão no que se refere as características que são atribuídas as tatuagens, elas são vistas como algo próprio da personalidade individual, e nisso o corpo fisiológico e biológico são moldados e

adornados com a essa personalidade, e está subordinado a uma vontade (racional e emocional) do indivíduo.

O corpo é o primeiro e o mais natural objeto técnico do homem. Marcel Mauss mostra que as atitudes corporais são próprias em cada sociedade, e nesse sentido o aspecto externo do corpo é modificado de acordo com parâmetros culturalmente definidos. As mudanças corporais formam, deformam e conformam o corpo do homem, o que denota que a ideologia individualista supõe que cada indivíduo carregue em si a essência da humanidade, ou seja uma síntese de toda a sociedade. A noção de indivíduo como algo sagrado, auto-suficiente e independente do grupo seria, uma das características da modernidade ocidental. O sujeito livre traz consigo a superioridade das virtudes privadas sobre os papéis sociais, e da consciência moral sobre o julgamento coletivo.<sup>91</sup>

Leitão ressaltou que a tatuagem, assim como a cirurgia plástica e as operações de mudança de sexo marcam o momento alto da dominação do homem sobre seu corpo, graças aos avanços científicos torna-se maleável e sujeito a modificações. O corpo biológico estaria subordinado a uma vontade (racional e emocional) do indivíduo. Essa subordinação seria possível somente se as noções de corpo e alma (ou mente) forem tomadas como entidades separadas. Pensar no homem separado de seu corpo significa pensar na oposição entre corpo e alma/mente, entre matéria e espírito. A dessacralização do corpo e sua separação da alma individual são na verdade um único e mesmo processo (LEITÃO: 2004). A tatuagem como uma forma de *body art* tem em si a capacidade de criar uma estética da presença.

A tatuagem é uma forma de se relacionar com o corpo e pensar sobre o significado do corpo e trazê-lo para o estudo da religião possibilita discutir sobre novas experiências para esse corpo. O corpo é um ambiente sagrado do indivíduo, e de acordo com Angela Zito, destacar o corpo é importante pois rematerializamos o estudo da religião um compromisso de retornar com o sentido das escrituras com seus objetos, imagens e espaços, e porque não destacarmos aqui o corpo.<sup>92</sup> Também através da prática, ritual e da manutenção da moral notamos a enormidade de material, suporte e invenção, e nesse sentido o universo religioso é cheio de representações e discussões sobre os corpos, podemos pensar nisso através da configuração “corpo como signo” e o

---

<sup>91</sup> LEITÃO, Débora Kruschke; ECKERT, Cornelia. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Revista Iluminuras*, v.5, n° 10, p. 01-37, 2004.

<sup>92</sup> ZITO, Angela. Body. *Material Religion*, volume 7, p. 18-25, 2011.

“corpo como local”. De acordo com Angela Zito (2011), ao concebermos o corpo como signo, compreende-se que o mesmo funciona como uma poderosa metáfora organizadora da natureza, sociedade e do eu, em muitos contextos sociais, no entanto quando se concebe o corpo como local, assume-se as várias práticas, performances e disciplinas que moldam e subjetivam o indivíduo.

Penso que as tatuagens com alguma conotação religiosa assumem sinais de devoção, no lugar em que são atribuídas a elas noções de reciprocidade, interações e laços entre o devoto e o santo onde marcar um santo em seu corpo, gera a busca por algum pedido e graça, em contrapartida procura uma aproximação com o santo de alguma forma. O corpo tatuado, com sinais religiosos, opera em uma escala que interage entre o mundo físico e o mundo sobrenatural, onde se busca construir uma ponte de proteção e segurança para um ambiente ou pessoa. A realização de uma tatuagem de um santo ou símbolo devocional é baseada a partir de muitos critérios, pois tal operação não é tão simples quanto se pensa.

A tatuagem devocional<sup>93</sup> evidencia uma ação, onde o ator reproduz sua crença, baseado na configuração de sua fé não podendo descaracterizá-la, já que o desenho fica marcado, a menos que haja alguma intervenção para remover a imagem. Ao mesmo tempo, ela serve para marcar o mundo “de fora” aos olhos dos outros, uma diferenciação interna dos sujeitos, uma vez que a própria noção de subjetividade implica que o sujeito seja “único”, em suas características e particularidades. A tatuagem é uma linguagem urbana que traduz uma forma de viver em um ambiente.

A imagem tem um poder libertário, as coisas que fazemos com nossos corpos tem impacto direto em nossa consciência. Corpo e mente não são entidades separadas, mas vinculadas umas as outras. As tatuagens com símbolos devocionais possuem um olhar sagrado, tal como na leitura de David Morgan em *The Sacred Gaze*, onde se configura uma ampla gama de variedades e incorre uma configuração particular de ideias, atitudes, costumes que informa um ato religioso dentro de um dado contexto histórico e cultural. O estudo da cultura visual religiosa, é o estudo das imagens.

Associar os elementos religiosos marcados através de tatuagens nos corpos dos indivíduos as marcas tatuadas com a ideia de devoção criam protocolos que exigem comportamentos, gestos e respostas dos interlocutores. As regras que correspondem a comportamentos são apreendidas e mudam ao longo do tempo junto com o estilo,

---

<sup>93</sup> Criei tal categoria para referir a tatuagem feita com significado de devoção a um determinado santo ou símbolo religioso.

prestígio, apelo e autoridade das imagens. Um olhar é uma projeção de convenções que permite certas possibilidades significadas, formas de experiência e certas relações entre participantes.<sup>94</sup> Como visto, as tatuagens assumem muitas experiências e expressões, elas permitem a ideia de sensualidade e também ideia de devoção, de certo ela chega ao público como uma moda e mercadoria para ser consumida. A caracterização da tatuagem enquanto mercadoria é permeada por uma matriz simbólica, pois tal marca enquanto produto é comprado como um estilo de vida, um status, e uma série de desejos que, através do “ter”, conformam os sentidos da imagem do “ser”.<sup>95</sup> Pierre Bourdieu, refere-se as “marcas de distinção” como forma de situar-se na estrutura social e de constituir-se frente a si mesmo e aos outros (BOURDIEU apud LEITÃO: 2004).

As tatuagens podem ser vistas como um rito. Os rituais são um tema caro a antropologia já algum tempo, com uma ampla diversidade de análises e definições. Os ritos são vistos por alguns através de seu aspecto sagrado, aproximando-o da religião e a magia, outros autores dimensionam seu aspecto social enquanto expressão de símbolos coletivos e traduções de interações cotidianas estereotipadas, de certo, algumas interpretações estão moldadas a noção estruturalista, enquanto outras concepções estão baseadas na noção funcionalista. De acordo com Débora Leitão, a definição do que pode ou não pode ser considerado ritual é relativo e depende do contexto da sociedade ou grupo em questão, no entanto, ainda que não haja uma definição absoluta e consensual, os ritos podem ser tomados como eventos reveladores da ordem social, fornecendo parâmetros e organização das relações do homem com o sagrado, e dos homens entre si. Os ritos seriam uma forma de “pedagogia” social, transmitindo e perpetuando costumes, saberes, valores e disposições. (LEITÃO: 2014)

As tatuagens estão presentes em rituais de iniciação e passagem, onde demarca a mudança de status social e inscreve nos corpos dos sujeitos as leis da cultura. Segundo Débora Leitão, marca da sociedade sobre o corpo, da cultura sobre o natural, essas modificações podem ser consideradas o que Michel de Certeau chama de adaptação do corpo a um código, a uma norma (da cultura), constituindo o “retrato físico” (DE CERTEAU apud LEITÃO: 2014).

Débora Leitão mostra que a abordagem ritual das sociedades contemporâneas parecem esbarrar na dificuldade da aparente “desritualização” das práticas sociais da

---

<sup>94</sup> MORGAN, David. *The Sacred Gaze Religious visual culture in theory and practice*. London: University of California Press, 2005.

<sup>95</sup> LEITÃO, Débora Krischke; ECKERT, Cornelia. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Revista Iluminuras*, v.5, nº 10, p. 01-37, 2004.

modernidade, perpassadas por uma lógica racional e utilitária. Os estudos sobre os ritos partem de perspectivas religiosas, no entanto a relação do rito com o sagrado ou o elo com algum vínculo religioso não é essencial. Os ritos profanos existiram em todas as sociedades, adquirindo uma visibilidade maior nas sociedades modernas. Os ritos profanos atuam nos mais diversos campos da vida cotidiana, enunciando a ordem da cultura e estruturando experiências individuais e sociais. (RIVIÈRE apud LEITÃO: 2014)

As crenças e ideologias modernas povoam as sociedades ocidentais dessas narrativas (históricas) que dão sentido e ordenam as experiências cotidianas, os valores e os padrões estéticos/éticos. As relações de consumo da sociedade contemporânea tornam explícita e visível a força e permanência do *pensamento selvagem/burguês*. Os bens de consumo, desde a alimentação e vestuário aos cosméticos e até mesmo bens culturais, funcionariam, como operadores totêmicos, classificando, demarcando e identificando sociedades ou grupos, classes sociais, geracionais ou de gênero. (SAHLINS apud LEITÃO: 2014) De acordo com Mary Douglas os bens de consumo são atribuídos de um caráter de comunicação de significados sociais.<sup>96</sup>

A aparência também sofre processos de mudanças e ritualizações. Isso ocorre por conta do corpo dos sujeitos ser modelado pelo imaginário e organização social, cada sociedade tem uma forma de lidar com o corpo, produtos de valores e crenças culturais. Essa ritualização aparece em vários momentos da vida cotidiana. Regras de etiqueta, apresentação dos sujeitos na interação social, gestos e posturas são definidores de ritualizações a partir de ações geracionais de gênero, classe, entre outros marcadores de diferenças. Os ritos de etiqueta são marcados por uma escamoteação do corpo enquanto um organismo natural (LE BRETON apud LEITÃO: 2014). Tais ritos agem escondendo aspectos fisiológicos do corpo, através da higiene pessoal, maquiagem ou outras tantas práticas. Tais práticas colocam o corpo em um espaço central da vida social, a serviço da ideologia moderna de anulação do corpo enquanto carne.

As tatuagens como um ritual de aparência servem para produzir marcadores de oposição e hierarquia, estruturada do ponto de vista dos valores, distinto/vulgar, sóbrio/excêntrico, apropriado/duvidoso, assim como atuantes homem/mulher, chefe/subordinado, jovem/velho. A prática das tatuagens fazem com que o homem

---

<sup>96</sup> LEITÃO, Débora Krischke. Transgressão e Domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. *Cadernos do CEOM*, ano 16, nº 16, p. 165-189, 2014.

torne-se senhor do próprio corpo, onde este (corpo) torna-se uma espécie de *alter-ego* do sujeito, um outro maleável de acordo com as suas vontades.

As práticas e técnicas corporais são ordenadas não apenas por princípios estéticos, assim como ideológicos, como o vitalismo, dinamismo, hedonismo e higiene. A realização de tatuagens nas sociedades ocidentais modernas ganhou espaços a partir da invenção da máquina elétrica de tatuar em 1891, nos Estados Unidos, o que barateou os custos do processo, além de tê-lo tornado mais rápido e menos doloroso. Ela (tatuagem) se apresenta como uma “contra-marca”, uma espécie de rito de rebelião que procura subverter a ordem social.

A tatuagem é uma forma ritualizada de expressão de índices de pertencimento a um grupo, onde se apresenta como uma maneira de vivenciar o mundo, tomando forma e comportamentos, escolhas de pessoas ou grupos de pessoas. Esteticamente o ato de tatuar significa alterar o corpo de maneira permanente, quebrando códigos culturais e colocar em questão papéis de gênero, no entanto essa marca também pode representar um ato significativo quanto ao desenho que está presente no corpo.

Buscar compreender os significados simbólicos atribuídos as práticas das tatuagens é pensar sobre as significações que remontam a reflexão sobre o que vai tatuar em seu corpo, qual o vínculo do indivíduo com o estúdio de tatuagem e a confiança de entregar o corpo para alguém marcá-lo com um desenho que será realizado pelo talento imbuído ao tatuador para tal ação. Nem sempre isso significa uma transgressão aos padrões estéticos, como bem trabalhou Débora Leitão ao fazer uma análise sobre as tatuagens na região Sul do país. De acordo com a autora, as tatuagens podem simbolizar um aspecto de transgressão aos padrões estéticos, desde a escolha dos desenhos até o local onde se irá fazer a tatuagem.

Não compreendo as tatuagens como um elemento símbolo de transgressão aos padrões estéticos, ao contrário penso que ela é ressignificada e faz parte de uma indumentária cujo o objetivo é inserir no corpo algo que chame a atenção do indivíduo e marque-o de maneira permanente, onde no imaginário pessoal o desenho faça recordação de algo importante na vida pessoal. As tatuagens de símbolos religiosos ou santos se inserem nesse ponto, apresentando uma ideia de sagrado selvagem, uma análise interessante de Roger Bastide, onde tal concepção mostra a experiência do sagrado fora das normas ocidentais, ocorrendo de maneira isolada e florescendo em sociedades heterogêneas. Tal ideia remete a um contra-ritual, no sentido de manifestação não-convencional e de oposição a norma social hegemônica. A noção

transgressiva do sagrado selvagem não perdura por muito tempo, pois ao ser visto como uma representação de algo perigoso é trazido a ordem, institucionalizado e domesticado.

Os limites que transitam entre a noção da devoção e as tatuagens são mais abrangentes e propicia a emergência de novos padrões, modelos, símbolos e paradigmas, que estão entronizados na relação do indivíduo com o santo. Em relação aos santos, o mesmo é um elemento dominante sujeito a mudanças nos padrões de significação. Sua presença nos corpos das pessoas demarcam uma trajetória do indivíduo com o santo, assim como no religioso, esses reflexos concretos na vida dos sujeitos desenvolvem processos ritualísticos como a prática das tatuagens.

### 3.3 – Considerações finais

Traçar um discurso sobre devoção, *body art*, tatuagens é muito complexo. O espírito da devoção, por exemplo, é expresso por uma gama de sentimentos que não são mensurados de forma efetiva pelas ciências sociais, eles envolvem redes que são estabelecidas a partir de vários critérios entre o indivíduo e o santo. De toda a maneira, tais agências são instintivas e servem para a preservação do indivíduo e do que o cerca, interagindo a partir de certas finalidades estabelecidas pelo contexto.

Procurei mostrar que Sílvia ao preencher seus estabelecimentos com os símbolos e os santos ao qual é devota busca proteger seus locais com ações do mundo invisível ao mundo visível, o caráter transformador dos objetos e santos implicam em um nível de alteração dos sujeitos que são envolvidos nos contextos rituais. A busca por alguma graça pedida pelo fiel alcançada por intermédio do santo, faz com que haja relações de devoção.<sup>97</sup> As imagens religiosas na Vila Mimosa transitam entre públicos de diferentes grupos, gêneros e classes sociais e econômicas, tais mobilidades abrem espaços de compartilhamentos de ações entre as pessoas que buscam alguma graça por medidas religiosas.

Sílvia, ao disponibilizar seus objetos nas casas que são administradas por ela carrega consigo um amplo repertório e significações sobre o que representa suas imagens. Para muitos que visitam seus bares as representações e contextos de cada

---

<sup>97</sup> MENEZES, Renata de Castro. *A Dinâmica do Sagrado*. Rituais, Sociabilidade e Santidade num Convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, NuAP, 2004.



imagem pouco importam, pois seus objetivos são distintos disso, no entanto ao organizar os símbolos em determinados lugares e devotar a eles certas crenças, a dona do estabelecimento sacraliza a imagem e associa a tais imagens um *mana*, na linguagem maussiana, que caracteriza o objeto.

As tatuagens, por sua vez, possuem uma linguagem própria. A *body art* enquanto uma simples forma estética partilha de sentimentos que procuram expressar uma forma de se colocar no mundo. Nesse sentido, acredito que as tatuagens apresentam um repertório muito forte enquanto materialidade histórica e social, isso implica destacar que elas expõem uma compreensão da realidade maior que o próprio desenho que fora tatuado no corpo, pois por detrás de uma tatuagem há um simbolismo histórico e um por quê ela foi feita. A sensibilidade de perceber isso é essencialmente dotada ao indivíduo, assim quando Silvia faz uma marca em seu corpo que remonta a um aspecto religioso, ela busca destacar a importância do santo em seu corpo, graças a uma *ação/grança* concedida por esse santo e reafirmar e manter próxima uma relação com esse santo. Em suma, as tatuagens atualmente com simbolismo religioso apresentam uma relação de demarcação do corpo com o divino e essa significação está inserida no contexto onde surge a necessidade de se vincular com o santo ou com o mundo sobrenatural de alguma forma.

Associado a uma leitura maussiana, acredito que as tatuagens se apresentam como técnicas corporais. Como ressaltou Mauss, cada sociedade possui hábitos próprios, e sendo assim especificidades sobre algumas técnicas corporais. A noção de *habitus*, usada por Mauss exprime uma boa maneira para refletirmos sobre a concepção das tatuagens nos indivíduos, pois ela (a noção de *habitus*) representa as ações da sociedade, as educações, conveniências e modas, assim como os prestígios. A utilização do corpo está condicionado a mistura de todas as ações acima, adicionadas a ação técnica, que como diz Marcel Mauss, é definida como um ato tradicional e eficaz que é sentido através de um ato de ordem mecânica, física ou físico-química, sendo efetuada com tal objetivo. (MAUSS: 2012)

As tatuagens se ordenam em um sistema que nos é comum enquanto indivíduos, qual seja, o da vida simbólica, onde tal marca está associada a um sistema de montagens simbólicas, cabendo a um conjunto de atitudes que podem ser vista como naturais ou não. Portanto, creio que são atribuídos poderes a tais marcas, onde cada cultura possui suas próprias noções e limites sobre o que é permitido e o que não é permitido no corpo do indivíduo. Como diz Mary Douglas (2012) o corpo fornece um esquema básico para

todo simbolismo, e nesse sentido acredito que ao ser tatuado com algum elemento religioso esse corpo busca garantir todas as experiências vividas um sentido de proteção sob determinada ação, além de buscar uma aproximação com o santo ou objeto tatuado. Assim, procurei de certa forma destacar como se ordena os sistemas de devoção aos santos na Vila Mimosa, pela base de construção de altares e tatuagens, que na minha concepção marca uma procura por se aproximar do santo e da graça pedida, assim como também agradecer por todas as demandas atendidas ao longo da história do espaço.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou trazer a Vila Mimosa fora do contexto da prostituição, o que não significa dizer que tal prática profissional não seja importante para este trabalho, mas como foi dito acima, meu interesse girou em torno das experiências dos símbolos religiosos nos bares, como eles (símbolos) agem no mundo.

Vale ressaltar que a Vila Mimosa é um espaço amplo, repleto de repertórios culturais que abrem possibilidades de pesquisas sobre outras temáticas no local. Estudar as representações e dinâmicas culturais da região apresentou dificuldades, mas também trouxe conquistas importantes, as experiências do campo trouxe um novo olhar sobre o complexo prostitucional da Vila Mimosa. Procurei mostrar que durante os anos a Vila Mimosa passou por vários processos de deslocamento e segregação espacial, sobrevivendo mesmo a políticas públicas e policial contrária a sua permanência na cidade. Ainda assim, a região se desenvolveu e chegou atualmente na área da Praça da Bandeira, onde em alguns momentos tensões foram vistas entre os moradores e os novos vizinhos. Mostrei que a presença da Vila Mimosa, na Praça da Bandeira, fez com que a economia da região se desenvolvesse ao ponto que os moradores começaram a criar investimentos comerciais como lanchonetes, bares, barracas de doces e bebidas.

Chamei a atenção para os grandes eventos na região que incentivaram o desenvolvimento econômico e também a colocar em perspectiva novos olhares sobre a Vila Mimosa, como foi o caso da visita da Cruz Peregrina, na Jornada Mundial da Juventude em 2013. De certa forma, ao pesquisar sobre o tema isso abriu questões a pensar no fenômeno religioso na Vila Mimosa, pois a visita da JMJ foi um sucesso na região colocando novos holofotes para a área, sem páginas ligadas a violência, crime e política.

Ao caminhar pela Vila Mimosa, percebi uma série de símbolos e elementos que constituem um aspecto religioso, como carrancas, figas, caveiras, imagens de santos e entidades de religião afro, corujas e crenças populares como olho de boi em copo d'água. A presença e disposição desses símbolos não são gratuitas e estão relacionadas a crença e organização do espaço numa perspectiva de proteção. Acredito que todas as imagens e símbolos religiosos na Vila Mimosa tem uma relação com a busca, através do mundo invisível, de uma proteção do espaço. Nota-se que as imagens estão sempre colocadas de frente para as portas dos bares, como um sinal de livrar os caminhos de algum tipo de malefício que poderia ocorrer no ambiente. Ou seja, entendo que a função

de tais símbolos não é meramente ornamental e sim, centrada em uma lógica protecional, onde busca-se com os santos ou qualquer outro elemento prosperidade, proteção e tranquilidade nos negócios.

Em meu terceiro capítulo procurei mostrar a relação da devoção no Aconchego Bar, onde entendo que a devoção é presente na relação com os santos e o devoto. Essa relação é estabelecida por Sílvia cujo o objetivo é proteger seu estabelecimento de qualquer tipo de atuação ou situação adversa ao andamento da casa noturna. Busquei mostrar que a perspectiva da devoção na Vila Mimosa está em alcançar em uma esfera inalcançável pelos indivíduos algo de sobrenatural realizado pelo santo. Mostrei que a associação entre o devoto (pessoa) e o devotado (santos e elementos simbólicos religiosos) está cruzada através de dois níveis relacionais: assimétricos e simétricos. Ora, os pedidos e crenças aos santos ou qualquer símbolo religioso adquirem pesos diferentes e misturam pessoas e coisas no nosso meio social.

Portanto, acredito que um estudo sobre tal temática abre novos caminhos a se pensar sobre a Vila Mimosa. Essa pesquisa trouxe para a área da antropologia da religião um elemento importante que é a religião fora da institucionalização religiosa, onde podemos destacar que a esfera do religioso age em momentos distintos, com eficácias amplas a tudo aquilo que o devoto pede. Meu trabalho dialoga com a questão da territorialidade, onde podemos entender a Vila Mimosa como um território da cidade, os bares como um território da Vila Mimosa e os altares construídos dentro dos bares como territórios da área. Enfim, com tantas sutilezas religiosas contidas na linguagem dos símbolos religiosos na Vila Mimosa, espero que este trabalho tenha colaborado em alguma medida para situar tais elementos religiosos como pontos agregadores do religioso não institucional, abrindo a seara acadêmica para a necessidade de um olhar com a dimensão religiosa para o espaço da Vila Mimosa. Portanto, espero que o percurso aqui proposto possa abrir novas provocações para outros trabalhos que pretendam sair da habitual zona de um estudo sobre prostituição na Vila Mimosa, negligenciando temáticas como dimensões e representações culturais no espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições Práticas da Província da Bahia*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979.

ACOSTA, Pedro Henrique Alves da Conceição. *Leviathan: Soberania, Religião e Guerras Civis*. 2014. 45 f. Monografia – Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ARRUDA, Bianca. *As Sagas de Jorge: Festa, Devoção e Simbolismo*. 2008, 132 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) PPGAS – MUSEU NACIONAL UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BITTER, Daniel. Cultura popular em transito: *Circulação e estetização de práticas performativas e objetos rituais entre folias de reis*. In: REINHEIMER, Patricia e SANT'ANNA, Sabrina Parracho (org.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: Reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Ed. Folhas Secas, 2013. P. 173-192.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2015

CAMARA, Antonio Alves. *Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil*. 1 ed. 1888. 209 p.

CAULFIELD, Sueann. O Nascimento do Mangue: raça, nação e o controle da prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942. *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 9, p. 43-63, 2000.

CAVOUR, Renata Casemiro. *Mulheres de família: papéis e identidades da prostituta no contexto familiar*. 2011, 148 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC, Rio de Janeiro, 2011.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. (In): *A experiência etnográfica antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. P. 20

CAMPOS, Ana Paula de Souza. *Na encruzilhada do exu policial: religião, milícia e regimes de proteção na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro*. 2016, 120 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PPGCS UFRRJ, Rio de Janeiro, 2016.

CARNEIRO, Leonardo de Oliveira. Geograficidades sagradas na Vila Mimosa: Um mercado de corpo e alma?. *Geograficidades*, v. 3, n.1, p. 17-38, 2013.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

DINIZ, Domingos. Ivan Passos Bandeira da Mota. Mariângela Diniz. *Rio São Francisco: Vapores e Vapozeiros*. Editora: dos autores. Pirapora – Minas Gerais. 2009.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 49-61.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2012. P. 67

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro (orgs.). *A alma das coisas patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2013.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, p. 25-44, 2012.

LEITÃO, Débora Krischke. Transgressão e Domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. *Cadernos do CEOM*, ano 16, nº 16, p. 165-189, 2014.

LEITÃO, Débora Krischke; ECKERT, Cornelia. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Revista Iluminuras*, v.5, nº 10, p. 01-37, 2004.

LEITÃO, Débora Krischke. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Ideias*, nº 16, p. 01-22, 2004.

LEITE, Juçara Luzia. *República do Mangue Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul: Ed. Yendis, 2005.

LEVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2012. P.239

MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de; SILVA, Marcos de Araújo. Revisitando aproximações entre o dom e a prece em Mauss a partir de referenciais cariocas. *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*, nº 6, 2012, p. 215-230.

MENEZES, Renata de Castro. *Doces santos: reciprocidade, relações interreligiosas e fluxos urbanos em torno à devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro*. Projeto de Pesquisa – Edital JCNE. Rio de Janeiro, 2013.

MENEZES, Renata de Castro. *A Dinâmica do Sagrado*. Rituais, Sociabilidade e Santidade num Convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, NuAP, 2004.

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995

MORGAN, David. *The Sacred Gaze Religious visual culture in theory and practice*. London: University of California Press, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O mal-estar da ética na antropologia prática*. In: VICTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro. *Antropologia e ética o debate atual no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004. P.19-23

PASINI, Elisiane. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. *Cadernos Pagu*, 25, p. 185-216, 2005. p. 188-190.

PEREIRA, Amanda Gomes. Afetos: Um estudo sobre as relações de gênero e redes de sociabilidade numa casa de prostituição feminina. *GT-1: Gênero, corpo, sexualidade e saúde*, p. 02-11, 2009.

SANTOS, Joice Caroline Pinheiro dos. Cultura e Arte Popular: Processos subjetivos dos carranqueiros de Pirapora-MG. *Pretextos – Revista de Graduação em Psicologia da PUC-Minas*. Volume.1, nº 1, 2016

SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010

SOUZA, César Augusto Martins de; SARAIVA, Luís Junior Costa. *Saiu do bordel e foi a igreja: sociabilidade, família e prostituição no bairro do Jurunas, Belém-Pará*. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARRETO, Maria Cristina Rocha (orgs.). *Antropologia das Emoções*. Ensaios. João Pessoa, GREM, 2004. P. 18-31

TEIXEIRA, Leônia Cavalcanti; CAVALCANTE, Maitê Mota; BARREIRA, Karine Sindeaux; AGUIAR, Aline Costa de. Figurações do corpo nos ex-votos: a devoção entre a psicanálise e antropologia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, nº 1, p. 283-301, 2010.

ZITO, Angela. Body. *Material Religion*, volume 7, p. 18-25, 2011.

### **Pesquisas da internet**

<http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/mulheres-da-vila-mimosa-rj-revelam-praticas-sexuais-pouco-convencionais>

<https://oglobo.globo.com/rio/jmj-cruz-peregrina-aterrija-na-vila-mimosa-8749184>.  
Acessado em: 30 de março de 2018

<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,mulheres-da-vila-mimosa-se-concentram-para-copa-imp-,1168208> . Acessado em: 30/03/2018

<https://oglobo.globo.com/sociedade/copa-do-mundo-foi-considerada-ruim-pelas-prostitutas-no-rio-de-janeiro-13831773> . Acessado em: 30 de março de 2018

<https://extra.globo.com/esporte/rio-2016/apos-queda-de-ate-50-olimpiada-reergue-mercado-da-prostituicao-no-rio-19875549.html> . Acessado em: 30 de março de 2018

Ver documentário “Por Dentro da Vila Mimosa”.  
[https://www.vice.com/pt\\_br/article/vv4nm8/vice-360-por-dentro-da-vila-mimosa](https://www.vice.com/pt_br/article/vv4nm8/vice-360-por-dentro-da-vila-mimosa).  
Acessado: 31 de março de 2018

<https://jornalggn.com.br/noticia/a-agonia-da-vila-mimosa-a-herdeira-do-mangue-por-alexandre-coslej> . Acessado em: 31 de março de 2018

<http://tv.r7.com/record-tv/rio-de-janeiro/record-noticias-rio/videos/vila-mimosa-no-rio-e-alvo-de-acao-contra-prostituicao-infantil-21022018>. Acessado em: 31 de março de 2018

<http://portalpopline.com.br/desce-um-gin-valesca-estreia-clipe-gravado-na-vila-mimosa/>. Acessado em: 31 de março de 2018.

<https://www.mdsaude.com/2010/09/colocar-camisinha.html> Acessado em: 12 de ago. 2018

<http://www.depoisdecasada.com.br/2013/11/la-catrina-mexicana-origem-e-significado.html>. Acessado em: 12 de julho de 2018.